

Stadium

N.º 301

8 de Setembro de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



No Estádio Metropolitano, o Sporting derrotou o Atlético de Madrid por 6-3. Na cerimónia da troca de galardões e ramos de flores, vêem-se da esquerda para a direita: o juiz de linha Polo Riera (capitão do Atlético), o árbitro Ramon Melcon, o juiz de linha Carpintero e Manuel Marques (capitão do Sporting)

A festa de Canuto

Para alguma coisa vale ser um verdadeiro homem de desporto, um excelente camarada, um bom amigo, uma pessoa de bem, uma dedicação clubista, irradiar simpatia!

Estas palavras sobre Carlos Canuto veem-nos ao bico da pena sem esforço, com sinceridade total. Jaime Franco disse, no campo da Tapadinha, o que desejáramos dizer aqui. O dirigente do Atlético foi justo, compreensivo, equilibrado. Não rebuscou exagérios para que pudessemos ver o Canuto — tal qual ele é.

Ainda nos recordamos de Canuto, jogador. Da sua figura atarracada, decidida, de jôgo muito habil. Pode afirmar-se que Canuto não era um grande dominador de bola nem um exímio rematador, mas era sem dúvida um excelente avançado-centro. Vencia as defesas adversárias pelo aproveitamento das suas falhas ou falta de atenção, e pela astúcia. Havia no seu «processo» qualquer coisa de puro alcantarenses. Só o bairro de Alcântara podia produzir um jogador de aquela natureza. Não sabemos bem porque, mas ainda hoje, na conversa de Canuto, algumas das suas respostas ou «graças» nos fazem recordar, insensivelmente, as suas jogadas em campo...

Quando companheiros na arbitragem, num tempo em que era difícil dirigir partidas de futebol, pudémos apreciar melhor a sua camaradagem. E seguimos de perto a sua carreira ascensional como árbitro, nunca travando o passo a quem quer que fosse, não empurrando ninguém — e não merecendo, portanto, o mau olhar que por vezes lhe caía em cima...

Tinha uma forma especial de arbitrar e os jogadores gostavam dele. Na convivência que temos mantido com os praticantes da bola, pudémos verificar a simpatia que todos nutriam pelo conhecido árbitro.

Canuto, quando se refere aos jogadores, costuma dizer no seu pitoresco — Ricas prendas! Bela rapaziada! Mas o certo é que estes conheciam-lhe o feitio, sabiam-no incapaz de uma tração, e, acima de tudo, que era o essencial, «sentiam» dentro do campo que ele sabia o que estava a fazer!

No fim do mês passado, encontrámos Feliciano, a veranear, na Figueira da Foz.

— Já treínaste?
— Ainda não comecei, mas vou amanhã para baixo. Não posso faltar na Festa do Canuto...

Este sentimento que o internacional belenense tinha no seu íntimo era, afinal, a maneira de sentir não só de todos os jogadores como de toda a gente que, mesmo não conhecendo Canuto, compareceu na Tapadinha. De todos os lados ouvia-se o seguinte: — A «casa» está muito boa. Ainda bem! Canuto merece isto!

Queremos, com as nossas palavras, repassadas de sinceridade, contribuir modestamente para «a grandessa do momento». Canuto cortou voluntariamente a sua vida de árbitro oficial que se seguiu à de jogador, no total de uma trintena de anos. Teve uma determinada compensação material, mas, acima de tudo, a grande compensação, a maior de todas, de ver e sentir ao seu redor um ambiente de carinho e simpatia. E isto somente conseguem aqueles que, no decurso de uma vida, além de terem sido elementos de valor no campo prático, nunca deixaram de ser camaradas, homens de bem, vencidos que souberam aceitar a derrota e vencedores que tiveram respeito pelo adversário. Por isso dizemos no início que, para alguma coisa vale ser verdadeiro homem de desporto e pessoa de bem.

Os adeptos andavam já saudosos de futebol! Por outro lado, como sempre acontece em princípio de época, as transferências aguçam a curiosidade... Isto, indubitavelmente, favoreceu a «Festa de Canuto» e tornou-a mais concorrida.

O certo é que o público não ficou satisfeito, nem com a qualidade do futebol da Tapadinha nem com a apresentação dos grupos.

O público está cada vez mais exigente e mais inclinado a não poupar os jogadores do que a perdoar-lhes as deficiências. E, verdade seja, queremos parecer que, no domingo passado, não tinha muita razão para um descontentamento por aí além...

Tenhamos em vista que os jogadores têm ainda pouco treino, que os grupos ainda não estão devidamente ligados (a integração de novos valores é normalmente um pouco demorada), que o calor apertava com intensidade e que o vento continua a ser um inimigo do jôgo.

Talvez se devesse exigir um pouco mais aos jogadores no que diz respeito a orientação. É incompreensível que um homem de primeiro plano, ao captar a bola, não a domine e não a procure jogar para o companheiro

melhor colocado, em futebol preciso, mostrando rapidos de jôgo e de movimentos. Há nos «teams» que se apresentaram alguns homens, sem nível técnico, e sem conhecimentos técnicos suficientes para suprir essa incapacidade. Mas o jogador deve ser analisado à face da sua medida, e não conforme a concepção que cada um tenha do que deve ser o futebol.

As maravilhas, inglesa e argentina, que passaram pelo nosso país fizeram bem sob certos aspectos, mal em outros. Porque parte do público ainda tem a imagem inglesa ou argentina nos olhos, e então exige que os portugueses lhe deem o mesmo padrão de futebol. Na evolução que está a dar-se, e em que todos, no fundo, andamos empenhados, os que pensam desta ou daquela maneira, os técnicos e os jogadores, tenta-se uma melhoria, e virá ela, mas, evidentemente, os progressos são muito lentos e devem resultar de um conjunto de dados e elementos — condições materiais e desportivas, bons terrenos de relva, regulamentação aceitável, orientadores capazes, bons treinadores, aptidão e boa vontade dos jogadores.

Até lá, enquanto não se atingir o

«tom» que todos desejamos, é preciso aperfeiçoar o futebol praticado por estes jogadores, aperfeiçoar estes, não exigindo que os praticantes façam — o que não podem fazer.

Dos encontros disputados na Tapadinha, já com o melhoramento dos camaradas — a Direcção do Atlético acostumou-nos todos os anos a apresentar uma coisa nova! — e, diga-se, a propósito, com a relva excelentemente tratada, extraímos alguns apontamentos — o suficiente para não termos perdido o tempo.

Poderá ser que não sejamos exigentes. Mas vários trechos dos encontros satisfizeram-nos, para começo de temporada. Acrescente-se alguns detalhes, a actuação de vários homens, um ou outro pormenor, como por exemplo um pontapé ao golo de Corona, um «sprint» pujante de Xico Ferreira, o jogar admiravelmente perfeito de Vieira, as insistências de Serafim, etc.

Acertamos que os outros entendam que tudo isto seja muito pouco para contrabalançar os períodos de descuido e monotonia, os lances ao acaso e uma quantidade relativamente elevada de pontapés para ar. Mas, enfim, já é alguma coisa.

A assistência foi lograda na apresentação dos jogadores. O Belenense ainda deu a conhecer alguns dos seus novos valores, pelo menos, valores pouco conhecidos, mas os restantes continuam com as «trutas» resguardadas. Segundo parece, não as querem expor — sem proveito. Ou então reservam-nas para acontecimentos de maior vulto. Vem aí o Campeonato.

O Belenense venceu o Estoril por 4-0. O seu trio central — Fidalgo, Vicente do O, Pinto de Almeida — é trabalhador, e trata-se de gente com sangue na guelra. Rocha é geloso e sabe jogar. E Narciso não progride, acentuando-se a sua desorientação.

Mas o Belenense continua com o mesmo ritmo de futebol — demoras de bola nos pés e excesso de passagens para os lados, frustrando inimigos imaginários! — parecendo não ser capaz de lhe dar a volta. A linha de médios — Gonçalves e David — sofre da ausência do «grande» Amaro e da passagem de Figueiredo para a defesa. Esta continua a ser o ponto forte da equipa: Figueiredo, Feliciano e Serafim (com um Sérgio muito atento e oportuno) não conseguem descançar um momento, mas tornam a vida dura ao adversário.

O Estoril mostrou-se muito desarticulado e temos a impressão — desejamos que seja enganadora! — que vai atravessar uma fase difícil. Sebastião fez uma exibição desastrosa. Os defesas — Almeida, Eloi e Alberto — acusaram lentidão. Oliveira e Nunes, na linha média, raramente encontraram o seu sítio. O ataque continua a ter um jogador de excepção: execução (Vieira), mas falta-lhe o outro interior e um pouco de serenidade no avançado-centro (Mota), que desperdiça energias dando a impressão de querer fazer tudo, e de, por essa razão, pouco fazer. Lima e Caldas foram os «pontas», Este último estragou as melhores jo-

gadas da linha da frente, assinadas por Vieira.

O Benfica venceu o Atlético por 3-0, marcando 2.º e 3.º golos já no decurso do encontro.

O Atlético apresentou os seguintes jogadores: Correia (depois Ernesto); Gregório (depois Rosário); Baptista e Abreu; Armando Carneiro e José Lopes (depois Moraes); Demétrio, Martinho, Vital, Ben David (depois Armando), Caninhas (depois Guilherme Pereira).

Importa salientar que, no Atlético, continua a verificar-se, por assim dizer, falta de programa, de futebol definido. Os jogadores desbaratam energias, cansam-se muito, mas produzem pouco. Dão a impressão de não saber como colocar-se, de fugirem dos seus logares, de raramente estarem onde deviam estar... Parece, mesmo, incrível, como jogadores de tão bom tipo de futebol, não perfazem um conjunto de melhor categoria.

Já o Benfica, mais pelo que adirhamos do que pelo que vimos fazer, nos dá a impressão de «atenção para melhorar». Os seus antigos elementos, os de primeiro plano, conservam-se na brecha resolvidos a não ceder o lugar de honra — bom sinal! — e os que veem de baixo para cima procuram, pelo menos, cumprir, que é meio caminho andado. A camisola encarnada fará o resto.

O Benfica alinhou primeiro: Pinto Machado; Jacinto (depois Fontes), Reis e Fernandes; Moreira (Horácio) e Francisco Ferreira (Vieira); Espírito Santo (Tenreiro), Melão, Júlio (José Costa), Corona e Vitor Baptista.

Os «miúdos» do Oriental ganharam por 4-0 aos do Atlético. Os números pouco importam nesta admissível partida. O que importa é vencer a graça, o domínio, e especialmente a execução e já o valor de alguns destes pequenos praticantes. O que se está a fazer em Portugal, neste sector, na semente lançada pelo Belenense e colhida por todos, parecemos alguma coisa de muito notável. A corrente a leste. Veem aí os «miúdos» do Benfica e do Sporting, e as escolas multiplicam-se por todos os lados. Os «infantis» do Atlético são de raça miuda, por isso mesmo, mais graciosos e menos práticos, E o que eles já sabem...

No fim do encontro, Francisco Ferreira disse a um dos «pequenos» que tinha gostado muito de o ver.

— Grande jôgo!
Logo ele:
— Eu agora vou ver como V. joga!

Tavares da Silva

O SPORTING consegue uma ampla e merecida vitória sobre o A. de Madrid

Os portugueses foram superiores não só em conjunto como em figuras

Especial para «Stadium», de RAMON MELCON

Quando uma equipa de futebol faz um jogo de perfeito enlace entre todas as suas linhas e entre os homens de cada uma delas; quando todos os seus jogadores dão provas de possuir uma excelente preparação física e praticem um sistema de jogo de estreita marcação, além de serem mais rápidos e ágeis que os seus adversários, não é de extranhar que consigam impôr-se a estes. Por isso, a ninguém que haja assistido ao encontro disputado domingo último no Estádio Metropolitano entre o proprietário do campo, Atlético de Madrid, e o Sporting Club de Portugal, causará espanto esse resultado de 6-3 favorável aos portugueses.

E talvez lhes pareça que não reflete exactamente o que aconteceu no terreno do jogo. Certamente, se os dianteiros do Sporting tivessem atirado as redes com a mesma eficácia com que o fez Jesus Correia, autor dos seis golos lusitanos, o resultado teria sido catastrófico para os lusitanos.

E, sem embargo, posto que pareça um paradoxo, o domínio territorial pertenceu mais aos atléticos que aos

sportingistas. Os espanhóis, à base de arrancadas individuais, com os seus defesas adiantados e os médios apoiando o ataque, chegaram, especialmente no primeiro tempo, mais vezes às balizas adversárias do que os portugueses. Mas faltava ligação entre os atacantes que viam sempre um homem na sua frente disposto a estorvar-lhes o passo e a impedir que os seus perigosos remates tivessem consequências desagradáveis.

As duas equipas jogaram — ou queriam jogar — o WM. O Sporting atrazou os seus defesas que jogaram quase sempre perto dos postes, ao passo que o Atlético os mantinha fora da área da grande penalidade, com o que se estabelecia esse já referido domínio aparente.

Aparente, dizemos, porque se é certo que era um domínio territorial, não o era porque os madrilenos fossem superiores em jogo, velocidade, fundo nem combinação, ao seu adversário. Era, simplesmente, o resultado de uma tática imposta pelos próprios portugueses, que assim sugentavam com maior facilidade os avançados branco-encarnados nas suas arremetidas contra as redes defendidas por Dores.

Pelo contrário, a colocação adiantada dos defesas atléticos, era a resultante da tática que seguiam os dianteiros do campeão de Portugal. Peyroteo, em vez de situar-se muito adiantado, dentro da área inimiga, mantinha uma posição afastada da área perigosa. Assim, Tinte, defesa central, que fazia nesta partida a sua apresentação como jogador atlético, via-se obrigado a sair das proximidades das suas balizas, e de aí uma completa impossibilidade de conter os rápidos ataques dos restantes atacantes verde-brancos quando Peyroteo conseguia iludir a vigilância de Tinte. E este, que não tem a rapidez nem a experiência de Aparício, cuja falta se fez sentir notavelmente no quadro atlético, não podia dar largas ao famoso avançado-centro, embora este não tenha já a velocidade do passado.

Essa zona livre que se oferecia aos

atacantes portugueses, tão facilmente era ultrapassada a defesa atlética, foi o que trouxe com consequência o desastre do Atlético. Os madrilenos, em outras condições físicas, com maior rapidez de movimentos, talvez pudessem cortar o passo à força de pernas, a Peyroteo e seus companheiros de linha. Mas quase todas as «escapadas» dos «leões» terminaram em golo. E não houve mais porque, uma vez conseguidos os 6-0, os portugueses confiaram em excesso, sem contar que o Atlético, mesmo jogando mal, é sempre perigoso. E assim deram ao que os três tentos marcados por Escudero, que foram fruto de arrancadas esporádicas e de jogo pouco ligado, viessem a atenuar em parte o terrível resultado que ameaçava os proprietários do campo.

Nem pretendemos tirar méritos ao Sporting pelo seu magnífico e merecidíssimo triunfo, mas é justo dizer que o Atlético de domingo não foi o Atlético. E não queremos referir-nos à ausência de Aparício e de Silva, duas das suas melhores figuras, mas ao facto de terem jogado mal, catastroficamente mal.

Certamente que, quando um conjunto joga bem, é lógico que o outro esteja mal. E aqui se nos depara o problema do ovo e da galinha. Jogou mal o Atlético porque o Sporting não o deixou jogar melhor? Ou jogou o Sporting, assim, porque o seu inimigo lhe facilitou a tarefa? Que-damo-nos no termo médio: o Atlético deu ao Sporting toda classe de facilidades para desenvolver o seu jogo brilhantíssimo, por vezes, e rivalmente eficaz, outras. Mas os portugueses, com a sua desconcertante velocidade e domínio de colo-

cação, de passe e de desmarcação, como corresponde a um grupo inteligentemente preparado há alguns anos, impediram que o Atlético recompuzesse as suas fúrias, e conseguisse jogo ligado e prático.

Ficamos, pois, nisto. Ninguém poderá negar que de tudo houve neste encontro de tão desagradável resultado para os do Metropolitano. Há que ter em conta a soberba actuação dos sportingistas, que conquistaram o aplauso unânime dos milhares de espectadores, na sua maioria partidários do Atlético, graças ao seu bom jogo e à sua correcção, pois é de justiça, dizer que, se, algumas — poucas — jogadas perigosas e ilegais houve no encontro, quase todas correram a cargo de determinados elementos do Atlético.

Já na primeira parte, conseguiu o Sporting quatro golos, obra todos eles, como os que haviam de vir depois, de Jesus Correia, velocíssimo, decidido e grande rematador. Certo que Vasques, talvez o melhor homem da equipa portuguesa, lhe serviu magníficas bolas e o ajudou muito. Vasques foi a antítese do Vasques que jogou contra a Espanha em Chamartin há uns meses. Velo atrás, adiantou-se, passou e atirou às balizas... tudo com admirável inteligência. Também Travassos, durante a 1.ª parte, a única que jogou, foi um excelente interior. Albano, magnífico nas suas fugas, velozes e de dribles, brilhou muito. Peyroteo, menos acertado, mas decidido e sempre disposto ao ataque. Lançou um «tiro» enorme que a trave devolveu. Esta jogada, e a de Vasques, que deu lugar ao 6.º golo, foram as melhores do encontro.

Na linha média, Canário, excelente, inteligente e dominador. Tenaz e batallador, vertíssimo, e bem juvenil. Manuel Marques completíssimo; com a sua experiência e conhecimentos dirigiu às maravilhas o trabalho defensivo. Passos e Moreira, um em cada tempo, secundaram-no bem, sem chegar à sua altura. Martins, que jogou no 2.º tempo, de ponta-esquerdas, não destoou. Enquanto ao guarda-redes, Dores, esteve bem, e não teve culpa em nenhum dos três golos que lhe marcaram. R. M.

DESAFIOS DE FUTEBOL de domingo passado

Aberle a época, realizaram-se desfeitos de futebol em várias terras do país, que airdram assistências regulares, e decorreram com interesse. Resultados apurados:

Leixões....	4	—	Beiro-Mar..	2
U. Coimbra	3	—	Académica..	2
Vilanovaense	2	—	Salgueiros..	1
Atlético....	6	—	D. Portugal.	1
Lames.....	2	—	O. Douro..	1
Oliveirense.	2	—	A. de Vizeu.	3
Aves.....	3	—	Gil Vicente.	2
Sanjoanense	3	—	Tirsense....	3
Leça.....	4	—	Estorreja... 2	
S. de Braga	4	—	Académico..	1
S. Covilhã..	8	—	Vila Real... 2	
Porto.....	3	—	Famalicão..	0
Guimarães.	2	—	Boavista... 1	
C. Piedade.	5	—	Barcelense.. 2	

(Os mesmos clubes, em reservas, 1-3).

L. Borreiro.. 0 — Vilórie.... 6

Apesar de se tratar de encontros amigáveis, devemos assinalar os seguintes pontos: a derrota da Académica em frente do seu velho rival, embora com o atenuante de «em» desfechado; o magnífico resultado do Académico de Vizeu, um grupo que quer à viva força subir e progredir; o empenho do Tirsense em S. João da Madeira: a forma como um clube modesto como o Estorreja resistiu ao Leça; o poder realizador de Covilhã (atenção às deslocacões à Serra da Estrela); tendência de Guimarães — que ficou com o benenense Teixeira da Silva em Trás de Alentejo — para se tornar mais forte; Cova de Piedade, um adversário perigosíssimo no seu lar, e mesmo fora dele.

Stadium

ARCADIA O DANCING N.º 1
— DA CAPITAL —
Apresenta a super-attracção
Lolita Torres y Pepe Ballesteros LOS MAJOS DE ESPANA
com Yolanda, Dandy et Dinn, Carmelita de Cordoba, Mary Mely, Nunchá de Aragon, e Isabel Valência

Armazem de Tecidos de Algodão DE
Almeida & Sousa, Lda. Sucr.
Rua de D. Paio Mendes, 71 a 75-1.º
BRAGA

Francisco José Ferreira
PENSÃO COMERCIAL
Bem servir é a sua divisa
R. dos Chãos, 33 a 41 — Telef. 2628
BRAGA

Fábrica de Malas, Pastas e Carteiras
DE
Francisco José Ferreira
Rua do Souto, 124 — Telef. 2076
BRAGA

Casa dos Pianos
DE
SERAFIM FERREIRA PEIXOTO
Pianos, Orgãos e Rádios
R. de S. Marcos, 79-83 — Telef. 2062
BRAGA

CALÇADO
José d'Andrade & Filho, Sucr.º
Rua de S. Vicente, 192 — BRAGA
Telefone 2298



O presidente do Sporting Clube de Braga fala à «Stadium» por intermédio do nosso colaborador Benigno da Cruz



As equipas A e B da categoria «juniores», do Sporting de Braga, que na época finda conquistaram, respectivamente, o 1.º e 2.º lugares do Campeonato do Minho. Ao lado vê-se Alberto Augusto, o grande criador dos juniores bracarenses



Jerónimo Castro, secretário geral da A. F. de Braga



Eng.º Cruz e Silva, presidente da Associação de Futebol de Braga

Não concordo com o actual regulamento do Campeonato Nacional

afirma o presidente da A. de Futebol de Braga

NÃO podíamos deixar de conhecer alguns pormenores da vida da Associação de Futebol de Braga — quer pelo seu valor como organismo superiormente hierárquico adentro do Futebol, quer pela valorização que vem dar ao desporto que quisemos trazer para este número especialmente dedicado às actividades desportivas de Braga.

E foi-nos fácil abordar quem de direito — direito pelo lugar que ocupa, e direito pelo esforço e dedicação votados, de há anos, às coisas do futebol — o sr. engenheiro Cruz e Silva.

Fomos encontrá-lo na sede daquele Organismo, onde, com o secretário geral, tratava de assuntos relacionados com o movimento que a aproximação de mais uma época de futebol justifica e exige até.

Traçou-nos, primeiro, nas palavras mais elogiosas, a camaradagem dos diversos directores, Jerónimo de Castro, Faria Martins, Fernando Vilhena, eng.º Pimentel, Alberto Cruz e Francisco Mesquita, que à mesma causa vêm emprestando igual e desinteressada colaboração, analisando sempre os problemas com independência e isenção que criam, fatalmente, aquela camaradagem e espírito de bem servir.

Necessidade de convocar o Congresso para estudo dos principais problemas do futebol distrital e nacional.

Depois, como em conversas, fomos registando o pensamento do ilustre presidente da Direcção da Associa-



O grupo de honra do Sporting Clube de Braga

O novo presidente do Sporting de Braga e o seu plano de trabalhos

AS colectividades desportivas, de maior ou menor envergadura, têm sempre as suas horas boas ou as suas horas más. O Sporting Clube de Braga que no final da última temporada viveu horas afletivas e de incerteza, chegou a querer convencer que não se saíria afrosamente do labirinto onde parecia ter-se perdido. Mas à tempestade que assolara o Sporting Braçarense, sucedeu a bonança que uma renovada direcção presidida por um ilustre médico e desportista prático e enérgico, fez pairar sobre a colectividade, satisfazendo plenamente os bem intencionados e acalmando aqueles que se costumam servir das horas más para provocar a desorientação...

Fizemos sentir ao sr. dr. Avelino Manuel da Silva, actual presidente do Sporting Clube de Braga, o desejo de arquivar para a nossa revista as suas palavras para que, por elas, os desportistas em geral e, em especial, a massa

sportinguista ficasse ao corrente dos seus pensamentos e das suas realizações futuras. O sr. dr. Avelino Silva, dumha cativante simpatia, afirmou-nos a sua admiração pela nossa Revista, pondo-se ao nosso dispor. A entrevista realizada na sede do clube, uma sede própria onde os associados têm tudo o que carecem para passar as suas horas de ócio, teve um sabor inteiramente desportivo, pois fomos recebidos na Sala dos Troféus onde se podem recordar as gloriosas vitórias do passado, obtidas não só pelos futebolistas mas por praticantes de outros modalidades que o Sporting esqueceu...

— Como encata o problema de Sporting de Braga...

— Para já, sem alguns elementos que são necessários à resolução de vários assuntos, mais ou menos urgentes, o problema é, se não difícil,

(Continua na pág. 12)



Na secretaria da A. F. de Braga, os funcionários Julião, Mendes e Pacheco estão atarefados com as inscrições de jogadores

ção de Futebol de Braga que nos disse:

«Temos de reconhecer uma necessidade imperiosa de ser convocado o Congresso da Federação. É fácil entendermos que as resoluções que visam a dignificar o Futebol, quer pelo seu progresso, quer pela sua expansão, quer pelo aumento da sua valorização como factor de economia na vida de uma cidade, vila ou região, deveriam sair de um congresso das diferentes Associações, o que equivale a dizer dos próprios clubes inte-

ressados. De outro modo, é termos de aceitar determinações que, quantas vezes, estão longe de salvaguardar toda a gama daqueles interesses e aspectos. Por ser assim é que as Associações não foram ouvidas para o estudo da nova regulamentação.»

Campeonato Regionais a contar para o Nacional

E entramos na regulamentação, já vinda a público, do Campeonato Na-

(Continua na pág. 12)

O Hoquei em Patins e a Patinagem artística

já contam em Braga um número razoável de adeptos

Bemdigamos a hora em que até Braga vieram, há cerca de três meses, os campeões do Mundo de hoquei em patins, assim como a excelente embaixada de patinadores artísticos onde se salientava a admirável campeã belga Fernanda Van Aken. O facto revolucionou por completo o desporto do patim, até então inteiramente adormecido, não obstante a facilidade de utilização dum «rink» muito regular. Verifica-se já a existência duma escola de patinagem muito frequentada. Quer por rapazes, quer por raparigas. A escola foi orien-

tada primitivamente por dois mestres que a Associação de Patinagem do Norte fez deslocar a esta cidade e presentemente tem estado a cargo dos patinadores Mário Sampalo, do Sport Lisboa e Benfica, e Maria Elvira Sousa Braga, uma gentil bracarense que vive em Lisboa. Tivemos cariedade em ouvir o delegado da A. P. do Norte, tenente Armindo Pereira para que ele, com a autoridade que o cargo lhe confere, melhor possa esclarecer a opinião daqueles que se interessam pela modalidade do patim. Armindo Pereira, sempre «gentleman» e sempre camarada, não se fez rogado, antes nos manifestou o seu contentamento por ter uma oportunidade de falar do desporto que o conquistou e pelo qual já tanto fez.

«Estou satisfeito com o que até hoje já consegui fazer, embora isso nada represente em relação ao que está planeado. Não desconheço o êxito dos quatro festivais já realizados, o que me anima e tem animado sempre a manter-me firme na luta que desencadeei para poder amanhã verificar um verdadeiro progresso técnico dos jovens que naquele «rink» vêm ensaiando os primeiros «passos»...

— Crês que a patinagem progride em Braga?

— Porque não? O público corresponde acudindo em grande número aos festivais, o que é



O «az» da patinagem artística Mário Sampalo, bem como a patinadora bracarense Maria Elvira Sousa Braga, transmitem aos seus alunos os conhecimentos vastos que já possuem e que tão excelentes resultados já demonstraram

uma certeza do êxito das organizações. Por seu lado a mocidade diz gostar, também, da modalidade, praticando-a com aquele entusiasmo e vontade que estás observando. Quando, em Braga, tivermos duas ou três equipas de hoquei em patins, com os patinadores artísticos que já se exibiram em 31 de Agosto e outros que estão a fazer-se notar dia a dia, estará ganha a batalha. Teremos hoquei sobre rodas e teremos patinadores artísticos em Braga.

— Estás, portanto, animado no prosseguimento da tua luta?

— Absolutamente. Mas não poderei trabalhar com segurança e satisfatório êxito se não tiver a

auxiliar-me três coisas importantes:

1.º — auxílio das autoridades locais, civis e desportivas, e da imprensa a quem devo também parte dos êxitos obtidos.

2.º — que os espectadores locais, não desprezem a modalidade e mantenham bem acêso o seu espírito de desportistas, de que deram já sobejas provas.

3.º — que me não falte o apoio de três valiosos e incansáveis colaboradores, Vitor Simões, Manuel Cerqueira e Henrique Abreu. Estes rapazes, verdadeiros desportistas, sem exhibitionismos, devem ter o reconhecimento de Braga inteira pelo muito que têm feito em prol da patinagem na nossa terra.

Armindo Pereira nada mais disse, mas quando nos despedimos dele pudemos observar ainda os olhares de interesse que lançava para o «rink» onde muitos jovens, alguns com quatro anos de idade apenas, corriam alegres e velozes sobre as pequenas rodas, praticando um desporto excepcionalmente atraente.

Transportes «Fafil»

Faria & Filho, L. da

Camiões de 1.500 a 12.000 kgs.

Serviços de Transportes e mudanças para qualquer parte do País

Séde em Braga

Rua do Coires

Telefone 2301 — Telegramas FAFIL

Escritório no Porto

Galeria de Paris, 29-1.º

Telefone 26789 — Telegramas APOLEX

TUDO PARA CICLISMO

Pneus DUNLOP

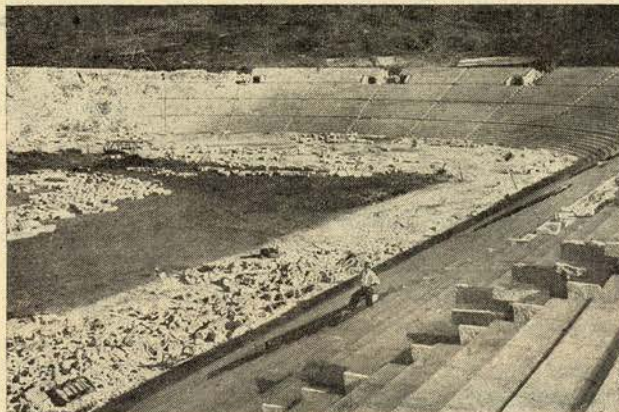
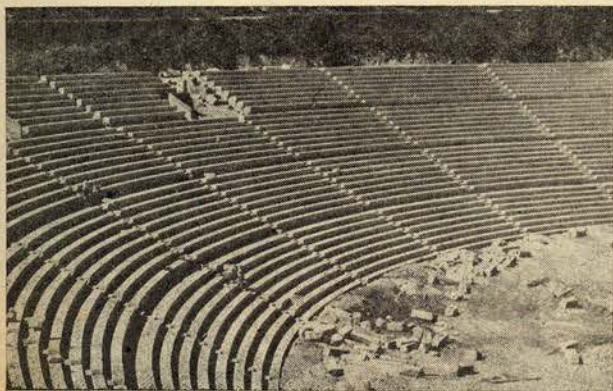
CENTRO CICLISTA DO MINHO

Alberto Corvalho Aradjo & C.ª

Praça Conde Agrolago, 50-61

Telef. 2533

BRAGA



Braga, a desportiva capital do alegre e atraente Minho, tem finalmente, pode já dizer-se, o seu maravilhoso Estádio. O notório progresso deste importante centro de desporto ultrapassou já os limites regionais para ser observado e acarinhado pelos Governantes da Nação, sempre prontos a premiar o esforço daqueles que com abnegação lutam por um ideal são e por uma causa proveitosa como é a do Desporto.

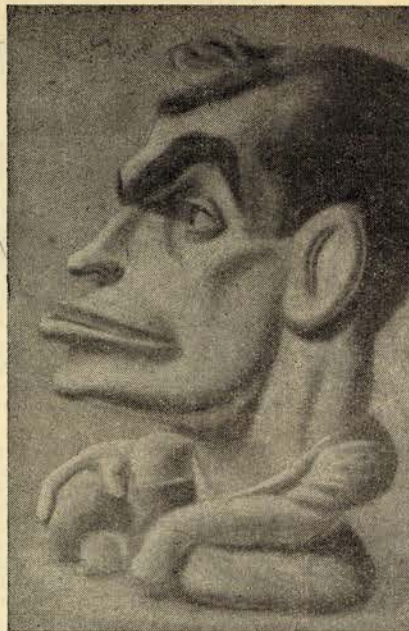
O «Estádio 28 de Maio» que está a ser construído pelo importante empreiteiro bracarense, sr. Francisco de Azevedo Campos, deve ficar concluído de forma a poder ser inaugurado em 28 de Maio do próximo ano. Os trabalhos, segundo nos diz o sr. Francisco Campos, têm sido muito intensificados para esse fim. Trabalham nas obras do Estádio cerca de 700 pessoas diariamente, sendo utilizadas oito camionetas de carga, três tractores, dois guindastes, dois britadores e um nunca acabar de utensílios curiosos. O Estádio terá uma capacidade para 30.000 pessoas (lugares sentados), as suas bancadas representam cerca de quinze quilómetros de pedra de granito, tendo ainda 16 portadas de acesso. Será dotado de pistas de atletismo, caixas para saltos, campos de basquetebol, voleibol, ténis e um importante ginásio que, além da sua mais directa utilização, servirá para praticar no inverno as últimas três modalidades. As fotografias que ilustram esta página são concludentes e falam por si só.

A bola rola já pelos campos do jogo. Em breve estará de novo travada a compelição gigante do Futebol português. Mas a Académica de Coimbra — um clube que figurou sempre no elenco da prova máxima — não estará presente. Impede-o a letra expressa do Regulamento do Campeonato, Insensível a todas objecções da ordem espiritual e material que logo se tenderam à volta da exclusão da turma académica. Movimentaram-se vontades, alimentaram-se esperanças. Todo o Portugal desportivo desejou que os estudantes da cidade universitária continuassem no seio dos Grandes. Esmagadora maioria de clubes previu que eram só adversários no rectângulo de jogo, solidarizando-se com a Académica no seu apelo para que o Campeonato fosse alargado, conservando-se assim a «Briosa» na Divisão de Honra do nosso Futebol. Tudo foi em vão. O Campeonato vai começar — e sem a Académica. É um prémio duro para aqueles que fazem Desporto por Desporto, e que souberam perder bem, embora cada derrota fosse um penoso degrau que se descesse a caminho da eliminação fatal. E perderam muitas vezes. Demossladas. Vitó las — foram quatro. Derrotas — vinte!

O «conze» actuou continuamente desfalcado, ora dum elemento, ora doutro. A defesa fraquejou, deixando entrar muitas bolas. António Maria e Mário Reis — pilares da equipa — fizeram imenso falta... A linha média, onde Eduardo Santos e Azeredo se distinguem, empurrou muito jogo, que os avançados nem sempre souberam aproveitar. Uma excepção para Bentes — a «estrela» de maior grandeza na turma universitária — que, não obstante não estar na sua melhor forma, teve primores a comprovar a sua incontestável classe. Pacheco Nobre e Garção foram outros que se distinguiram como marcadores.

Em dada altura a equipa apresentou a novidade de inclusão dum famoso jogador nas suas fileiras — o dr. Alberto Gomes — que depois de alguns anos de inactividade voltou a calçar as botas, na ânsia de alguma coisa fazer pela causa da sua Académica.

Mas os «Capas Negras» precisam mais de um bom defesa do que dum optimo avançado. O «ataque», melhor ou pior, lá ia marcando golos, não muitos mas os suficientes para ganhar... se Prates não tivesse que ir tantas vezes buscar a bola ao fundo das redes!



AZEREDO



PRATES

A Académica começou o torneio com pouca sorte — e, no seu d'curso, a Fortuna continuou a fazer-lhe negações. Principiou por empatar um jogo que podia ter ganho e por perder outro que podia ter empatado. Sómente ao cabo de oito jornadas, os estudantes saborearam o prazer da vitória. Tiveram por adversários o Lusitano de Vila Real de Santo António. Um mês depois, os académicos voltaram a triunfar — e desta vez da equipa de Patallno. Ambas as vitórias foram concretizadas pela marca de 2-1. A «Briosa» chegou ao fim da 1.ª volta com 5 pontos — e outros tantos viria a obter até à derradeira jornada.

O terceiro triunfo dos estudantes foi alcançado sobre outro estreado de prova — o Sporting de Braga — num «match» renhido. A Académica venceu por 4-3.

Três semanas depois, o «team» de Bentes obteve um salisfatório empate contra o campeão do Minho, e nos dois jogos seguintes, em Coimbra, o Porto e o Atlético passaram pela tangente. Na última jornada, a Académica despediu-se do convívio com os «Grandes», batendo o Boavista por 1-0. Foi o único desfecho em que as redes de «Briosa» se conservaram intactas nos 90 minutos de jogo...

Números e curiosidades

A Académica bateu um recorde em matéria de utilização de jogadores: 321 Gente suficiente para formar quase três «teams»! O defesa esquerdo Brás foi o único que tomou parte em todos os jogos do «Nacional». Logo jogou 25 e Azevedo e Leite, 24. Seguem-se Bentes, com 22 desfechos; Prates e Pacheco Nobre, 20; Alaz, 18; Brenço, 17; Melo e Garção, 14; Micoel e Eduardo Santos, 12; Tito e Arislides, 5; Messias, Anibal, Oliveira e dr. Alberto Gomes, 3; Hódolito, Teixeira e Couceiro, 2; Óscar, A Cruz, Carvalheira, Alanisca, Taborda,

Números e Curiosidades (14)

DA MAIOR PROVA DO FUTEBOL PORTUGUÊS

Académica de Coimbra

Albino, Moussaco, Domingos, Santos e Soares, 1. Dos 3 guarda-redes utilizados, Prates foi de longe o que mais desfechos jogou, sofrendo 34 golos. Tito consentiu 25 e Soares 4.

Os estudantes marcaram 35 golos, o que lhes valeu o penúltimo lugar na matéria. Os autores dos tantos foram: Bentes, 10; Pacheco Nobre, 7 (parte dos quais de grande penaldade); Garção, 6; Leite, 3; Micoel e Alaz, 2; dr. A. Gomes, Anibal, Azevedo, Melo e Branco, 1.

A Académica só teve derrotas nos jogos disputados fora de casa, tendo sofrido 67 golos e obtido 13. Esta última cifra é, contudo, superior a três outras (Lusitano, Boavista e Vitória de Guimarães). Em Coimbra, marcaram 22 tantos, mas só o Lusitano conseguiu pior. Na totalidade, a Académica obteve 4 vitórias, 2 empates, 20 derrotas, com 35 golos e favor e 113 contra.

No torneio anterior, o último classificado (a Sarçaense) linha obido apenas metade dos pontos conseguidos agora pela turma universitária: 2 vitórias, 1 empate, 23 derrotas e 26 118 em bolas. Nessa prova, a Académica classificou-se em 11.º lugar, com o mesmo número de pontos do 9.º e com 8 vitórias, 4 empates e 14 derrotas, 49 golos a favor e 96 contra. Em 1946 os académicos de Coimbra ficaram em 10.º lugar, com 7 vitórias, 2 empates e 13 derrotas, 51-76 em bolas. O Oliveirense foi o último, com 8 pontos em 22 jogos e 2-73 em golos. Na época de 1944-45, a Académica classificou-se

em penúltimo lugar (correspondendo então à 9.ª classificação) à frente do Selgueiros, que conseguiu 5 pontos e 30 110 em bolas, obtendo os estudantes 4 vitórias, 1 empate e 13 derrotas, e 33 golos marcados contra 65.

A Académica de Coimbra foi a primeira vencedora da «Feira de Portugal», na sua nova designação, em 1939.

* * *

Com o grupo estudantil — último classificado do Campeonato Nacional de Futebol de 1948 — terminámos este longo resultado da grande prova de época transacta. Todas as equipas, cuja acção vimos ficando nesta série de artigos, prepararam-se para novos combates na campanha em que todos os anos se empenham as melhores equipas de Portugal.

Relegado para uma Divisão que nunca conhecera antes, e Académica terá que lutar como nunca para reconquistar o lugar que os seus repozes da bola não conseguiram segurar, a despeito de esforços generosos e de animosas vontades.

A tarefa vai ser árdua, mas eles sabem que pelo seu triunfo aspiram todos os desportistas e toda a mocidade de Portugal. Há que ter confiança que eles consigam voltar, por mérito próprio, à posição que desde sempre desfrutaram.

Até para o ano, pois, «Capas Negras!»...

Vasco C. Santos

Stadium

Gunha & Monta Suc.

Fabricante e Exportador de ferragens e pregagens manuais

Telefone 2737 BRAGA

José Peixoto

Fábrica de Radiadores «Jope»

para automóveis, camiões, etc. Largo do Monte d'Arcos BRAGA

PORTUGAL -ESPANHA EM NATAÇÃO



Na noite de sábado, as seleções dos dois países, após a apresentação, escutam os hinos nacionais.



Dominguez, vencedor dos 400 e 1500 metros livres



As duas equipas de water-polo trocam «recorções», antes de começar a partida



A equipa espanhola vencedora da estafeta de 7x33 metros livres



Um aspecto da emocionante estafeta de 7x33 metros livres



Guerra e Patroni, respectivamente, 1.º e 2.º classificados nos 100 metros livres

ESTE VI encontro Portugal-Espanha em natação e «water-polo» veio trazer à luz clara do dia, em toda a sua acuidade, o problema da preparação dos nossos nadadores e, especialmente, dos nossos jogadores de polo aquático. Porque a verdade é que não podemos continuar a viver do improviso, do arranjo da ultima hora, de um nadador de meio-fundo a utilizar o «trudgeon» que os nossos avós nadavam com muito bons resultados. Não. Na natação tem fatalmente que operar-se um largo movimento renovador. Mas para que esse movimento seja possível, para que os métodos de aprendizagem e de treino se modifiquem e se modernizem, necessário se torna que se criem previamente, condições de trabalho, que é como quem diz, que se construam piscinas. São necessárias piscinas, muitas piscinas. E principalmente piscinas cobertas, por forma a permitir que a preparação dos nadadores não sofra um interregno de seis meses, durante a quadra invernos.

Enquanto, de facto, esse problema não for resolvido, com a construção de várias piscinas em Lisboa e, pelo menos, uma em cada capital de distrito, escusamos de ter ambições, porque não podemos de forma alguma acompanhar o progresso verificado nos países onde as condições de trabalho são totalmente diferentes.

Dispondo apenas do estádio náutico do Algés, pode amanhã aparecer um nadador de qualidades invulgares. Pode aparecer, digamos, um segundo Mário Simas. Mas o que não será fácil é o aparecimento de uma equipa forte e homogênea, capaz de se bater de igual para igual com uma equipa europeia.

A pontuação deste encontro — 48 23 — foi de todas a mais desvelada. Resultado da falta de Mário Simas? Sem dúvida. Mas resultado, também, do grande progresso revelado pelos nadadores espanhóis, que estão agora colhendo os benefícios não só de uma longa preparação anterior, mas também da sua passagem pelos Jogos Olímpicos, onde foram com possibilidades — nem veleidades — de ganhar, mas onde foram aprender e, sobretudo, adquirir o «calor» dos grandes acontecimentos, das grandes competições.

Walter Member derrotou Juanito Martin

mas Guilherme Martins foi o mais brilhante pugilista dos dez jogadores em cena

O magnífico Pavilhão dos Desportos, do Parque Eduardo VII, foi uma vez mais teatro de uma sessão de boxe profissional cujo programa se apresentava auspicioso. A cabeça do rei figurou o desfecho entre Juanito Martin, espanhol, e Walter Member, francês, ambos ex-campeões dos respectivos países e emparelharam com eles, Guilherme Martins e Beni Levi, populares jogadores portugueses.

A sessão não correspondeu às esperanças que prometta. Foi monótona, por excessivamente longa e aborreceu por carência de rasgos brilhantes. No combate de abertura lutaram o lusitano David Ferreira e o castelhano Alberran, no prezo de seis assaltos, cabendo a vitória pontual ao primeiro. O resultado não correspondeu nem ao jogo desenvolvido nem à capacidade dos jogadores. Alberran mostrou-se voluntariamente desgalgado, succedendo a si mesmo com socos mal dirigidos... de propósito. A nosso ver, é homem para não passar novamente a fronteira, porque intuições lemo-los por cá em abundância.

Mé arbitragem de Eduardo Alves, procurando dar relevo às suas intervenções e ridicularizando o papel de juiz do *match*.

No combate seguinte assistimos à derrota do mexicano Júlio Neves (73.700) em frente do canário Álamo (72.600), por pontos (8 rds.). Neves não sabe variar o jogo e mede mal as distâncias. Por

outro lado, prefera os golpes curvos aos retos e directos, desaproveitando a envergadura e a sua massa específica. O espanhol empregou-se melhor, actuando com combinações de directos e *hooks* em «um-dois», ao rosto. Triunfou com merecimento, revelando, a par disso, frequências de aprendiz. Bom trabalho do árbitro, Edmundo Pereira, cuja autoridade dentro das cordes foi calma e directa, escolhendo o vencedor acertadamente.

Levi apresentou-se em óptima condição física, mas quanto a progressos de técnica faz lembrar o caranguejo. Opuseram-no ao surdo-mudo Piette, discreta figura de segundo plano, possuidor de notável resistência às pancadas. Piette foi dominado em vigor e encaixou com a indiferença de um fardo de cortiça. Cobriu-se bem e pouco e pouco embarçou o jogador de M'comambique, levando-o a sengrar pelo nariz e a falgá-lo no último assalto.

A decisão de *match* nulo parece que desagradou a muita gente. Quanto a nós, preferíamos ver o triunfo de Levi, cuja eficácia foi realmente superior. Arbitrou Eduardo Alves, repellido os gestos espectaculosos e exuberantes do primeiro desfecho.

O melhor combate da noite travaram-no Guilherme Martins e o francês Clental, em 8 assaltos. O nosso competidor entrou no rectângulo do jogo bem preparado, física e mentalmente. Mostrou-se enérgico nos três assaltos iniciais,

sem lemer as vantagens físicas do francês. Nos restantes, provou superioridade e maestria, despedindo belos golpes e acentuando o câmbio de socos à meia distância. Celu no solo, sem contagem, no 3.º round, bem tocado no maxilar inferior.

Depois cresceu, até ao citivo e último período do combate no qual as forças se equilibraram. A vitória de Martins foi justa e clara. O trabalho do árbitro, José de Areújo, sem reparo depreciativo, antes de aplaudir.

Em fecho do programa, quando a madrugada já ia por diante, exibiram-se o francês Walter Member e Juanito Martin.

Dels estilos opostos: o francês, deliberadamente de obstrução e preferindo as distâncias curtas; o espanhol, mais vistoso e claro, octando pela esgrima de longe. Quanto a poder de golpe, superiorizou-se Martin, castigando duro nalgumas ocasiões.

A vitória por pontos, de Member, atribuída por Pierre Charles não nos satisfez. Também desaprovamos a leniência, injusta, de culpar o espanhol de desfigurar a fisionomia do jogo.

A terminar, louvamos a iniciativa da empresa nos discórdamos dos programas longos, mal equilibrados e constituídos de maneira pantagruélica.

Rafael Barradas

Amadores e turistas

Os atletas americanos que há mais de um mês saíram do seu país para tomar parte nos Jogos Olímpicos de Londres, prosseguem por toda a Europa uma digressão desportiva que promete não acabar tão cedo.

Uma após outras vão percorrendo todas as nações deste velho Continente, disputando dois e três concursos por semana, numa autêntica digressão turística, cuja organização certamente foi obrigada a prever as necessidades e regalias de atletas que não são milionários mas viajam como, em regra, só a estes é permitido fazer.

Duas observações surgem no espírito acerca deste turismo desportivo.

A primeira é de admiração pela forma física destes homens, que há um mês, semana após semana, disputam quasi dia sim, dia não, severas competições contra os melhores homens da Europa, conseguindo acumular vitórias e deixar registados tempos e marcas de grande categoria. A explicação foi dada numa entrevista, por um dos treinadores americanos, o qual afirmou que aos seus homens não custa para tipar em torneios bi ou tri-semanais, porque isso os dispensa de outras tantas sessões de treino, onde se fatigavam muito mais.

A segunda observação é de surpresa pelas possibilidades destes amadores olímpicos, milagrosas possibilidades que lhes permitem assim, não sendo ricos, viajar de tal forma e manter-se ausentes tão longo prazo do seu país e das suas profissões. Isto de ser amador, parece ser às vezes, muito rendoso.

A pseudo-verdade olímpica não engana hoje ninguém; é possível que os dirigentes — vestais de uma chama sagrada bruxuleante — continuem apregoando a doutrina de que se julgam os últimos e severos após-los, mas no fundo das suas próprias consciências uma voz se deve levantar, clamando-lhes: utopia, ilusão, anacronismo!

Os Jogos Olímpicos, a cada Olimpíada mais ameaçados, precisam de alargar a sua tolerância para se salvar em de nova desoparição, a qual também só poderá evitar-se com uma imediata e íntima aproximação com os organismos desportivos técnicos internacionais.

**Em Lisboa
No Porto
Em todo o País**

**Sabe-se que é
em BRAGA no
Restaurante
Peninsular
que se almoça
ou janta bem**

Arcada — Telef. 2663 — BRAGA

A FORNECEDORA E CONSTRUTORA BRACARENSE

J. Carneiro Torres & Irmãos, L. da Estância de Madeiras Nacionais, Sotinhos e Ferras aparelhados — SERRAÇÃO

Telefone, 2105 — BRAGA
Escritório: Rua do Corvo, 56
Serração: Rua do Cairo, 22

Casa Loureiro

Rua D. Diogo de Sousa, 31-35

BRAGA

Tele (gramas «COMBATE»
fone 2354

**Depósito de Explosivos
Pólvoras
Armas e Munições de Caça e Tiro
Artigos de Pesca
Drogaria Pirotécnica
Papeleria**

**Sebastião Santos
da Cunha, Limitada**

OFICINA DE LATOARIA
E
FUNDAÇÃO DE METAIS

Manaus & Conceição, Lda.

Rua dos Chãos, 97 — BRAGA

Biblioteca Cruz

Fundada em 1888

**Grande sortido de livros
sobre desporto**

**Edições diversas
Papeleria**

Rua D. Diogo de Sousa, 133

BRAGA

Vidraça — Espelhos e Molduras

Casa Matias

Louças — Vidros — Cristais

47 — Rua D. Diogo de Sousa — 49
Telefone 2411 BRAGA

**A NOVA BRASILEIRA
BRAGA**

**O café preferido
Telefone 2107**

Concurso das Caldas

Um assinalado êxito mercê do entusiasmo com que foi disputado

São dignos dos melhores louvores os organizadores do Concurso Hípico das Caldas da Rainha que, apesar das tremendas dificuldades que se lhe depararam, apresentaram ao povo caldense um certame digno das tradições do hipismo naquela cidade, no decorrer do qual se verificou um critério e um espírito de organização que o público sinceramente apreciou e compreendeu.

É impossível fazer melhor apenas em três dias de provas e só com muito boa vontade se conseguiu fazer tanto. A esse boa vontade, juntou-se o prestígio do capitão António Spínola, que tudo orientou e dirigiu com superior visão, bem coadjuvado pelo tenente Pimenta de Castro.

Dividida em duas séries, disputou-se na 5.ª feira a prova «Omnium», que proporcionou duas magníficas vitórias a Manuel Cerqueira no «Beltristo» e Cruz Azevedo no «Roma», este último após «barragem» com Joaquim Barreto, no «Selecto».

Eduardo Queiroz, montando «Dardo», foi o 1.º da prova «Discipulos», fazendo-se aplaudir.

O programa de sábado comportou três provas sendo uma delas o «Grande Prémio» que, como o seu nome justifica, não estava fácil. Os doze obstáculos, bem mercedos, atingiram alturas grandes e não surpreendeu que só um cavalo «Impasse» — o «Selecto», de Joaquim Barreto, que está actualmente em muito boa forma.

O segundo posto foi ocupado por «Mondina», montado por Guedes de Campos, mas com quatro pontos.

Registe-se ainda a boa acção de «Belver» com Rodrigo da Silveira e de «Refused» com Henrique Calado.

Na prova «Sociedade Hípica Portuguesa», corrida em percurso de regularidade, a vitória pertenceu a Augusto Lage no «Vencedor», que terminou sem qualquer falta ao fim dos 15 minutos, depois de transpôr 24 obstáculos.

No fim do programa teve lugar a prova «Diana», disputada por gentis amazonas que deram uma nota de graça e elegância. A vitória da D. Ana de

Menda, no «Que Foi», coroou o percurso mais rápido sem faltas, mas ao lado da vencedora é justíssimo colocar D. Maria Cruz Azevedo e D. Rosário Palva Paposo.

O Concurso terminou no domingo e, pode dizer-se, com o brilho com que se iniciou.

Na «Taça de Honra» venceu António Spínola, no «Tobruk», com um percurso sem faltas — o único



O tenente Joaquim Barreto, com o «Selecto», vencedor do «Grande Prémio» das Caldas da Rainha

da prova — depois do que Augusto Lage, no «Vencedor» alcançou merecido triunfo na prova «Serviços Pecuaris».

O Concurso finalizou com o Campeonato de Salto em Altura que, se não fora ter terminado de noite, poderia talvez ter feito cair o recorde nacional, fixado no ano anterior em 2^m 15.

Reimão Nogueira, no «Congo», ganhou, saltando 2^m 10, mas já estavam aceses as luzes do campo, sendo impossível tentar bater o recorde que continua na posse de Joviano Ramos.

Assim terminou o Concurso das Caldas que vai ficar na recordação dos que o apreciaram devidamente.

Antas Teixeira

VISITE

BRAGA

Admirável centro

TURÍSTICO

E

DESPORTIVO

Casa Pic-Pic

Lanifícios Nacionais e Estrangeiros
Gabardines, Trincheiras,
e Novidades para Homem

Vale Rego, Antunes & C.ª, L.ª

Rua do Souto, 49-51 BRAGA

Saboaria e
Perfumaria Confiança

Sabões
Sabonetes
Perfumarias

Agência em Lisboa: Rua de S. Paulo, 12-1.º

António de Carvalho Viana
Rua do Corvo, 42 a 46 — BRAGA

ARMAZENISTA
DE MERCEARIA

Depósito de larinhas, larelos,
bolachas, menses alimentícias,
cerênia, sal, gesso, cal, cimento,
sulfeto de cobre, enxofre,
carboneto, etc.

Adubos para a Agricultura
Batata de semente

Telefones: Armazem, 2385
Residência, 2154

Sabão das principais fábricas

Auto-Esfera, L.ª

Peças e Acessórios
para automóveis

Oleos-Baterias-Pneus
Material Eléctrico

Rua Dr. Justino Cruz, 39 — BRAGA



A FESTA DE CANUTO



1 — Jaime Franco, rodeado por Lança Moreira e António Sequeira, em nome da Comissão Organizadora, entrega uma lembrança a Canuto e pronuncia algumas palavras de saudação; 2 — Todos os jogadores receberam medalhas. O secretário da Direcção do Atlético entrega ao capitão do Benfica as medalhas que competiram ao seu grupo; 3 — Os jogadores do Benfica e do Atlético, alinhados, com Canuto, no meio, em frente da Tribuna; 4 — Mário Reis em luta com os adversários; 5 — Os atacantes do Atlético deixam cortar as suas combinações; 6 — Belenenses e Estoril, no fim do encontro, confraternizam com Canuto; 7 — Alberto, numa tentativa de corte de jogo do adversário; 8 — O guardanets do Estoril numa defesa apertada

SPORTING 6 — A. DE MADRID 3

— O FUTEBOL PORTUGUÊS EM FOCO! —



(Ler crónica de RAMON MELCON na página 3)



Fotos de Albero y Segovia



1 — Jesus Correia marcou o primeiro golo da série dos 6, e não esconde a sua satisfação! Está rodeado de espanhóis, desolados, Mencia, Riera e Domingo. 2 — Dores, magistralmente, desvia para canto um tiro de Escudero. 3 — Um ataque entusiástico do Atlético na primeira parte. Da esquerda para a direita: Juncosa, Escudero, Dores, Passos, Manuel Marques, Juvenal, Verissimo, Farias e Basabe. 4 — A valorosa equipa do Sporting que jogou na segunda parte. No 1.º plano: Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Albano e Martins. No 2.º plano: Canário, Moreira, Verissimo, Juvenal e Dores. 5 — Domingo, o guardarede vindo da França para o Atlético de Madrid, capta uma bola, que, Albano, impetuosamente, quer rematar. 6 — Escudero, que não se vê na fotografia, marca o 2.º golo do Atlético. Dores ainda se lançou, mas era tarde! 7 — A equipa do Atlético de Madrid que perdeu por 6-3 contra o Sporting. No 1.º plano: Juncosa, Valdivieco, Escudero, Farias e Basabe. No 2.º plano: Vidal, Mencia, Torres, Domingo, Tinte e Riera

Valioso depoimento

do presidente da Associação de Futebol de Braga

(Continuação da pág. 4)

cional. E o prestigioso presidente da Associação de Braga, perfeitamente à vontade quando se fala de assuntos de futebol da Província do Minho, diz-nos de pronto:

«Não concordo com o actual Regulamento. Temos de reconhecer que é necessário organizar de novo os campeonatos regionais, e, se possível, a contar para o esquadramento no Nacional. Só assim se atinge o progresso indispensável aos diferentes Clubes de uma Associação, pelo permanente contacto entre si, pelo estímulo a que alguns querem chamar rivalidade doentia. Por outro lado, atingem-se melhores resultados financeiros e desperta-se nos diferentes zonas desportivas maior interesse pela vida dos Clubes e pela melhoria do futebol a praticar.»

Um pequeno desvio da conversa e ouvimos então:

Temos ainda o caso da Taça de Portugal. Ora está bem provado que este torneio não suscita interesse bastante, que a justifique e que se sacrifique as distas respectivas que melhor poderiam ser respeitadas. Resumindo — julgo que há duas provas essenciais — o Campeonato Regional e o Campeonato Nacional. Numa pode-se avaliar o valor dos grupos de uma Associação, aproveitando a que é para a melhor posição no Nacional; neste, os melhores dariam, de facto, ao país, toda a beleza e interesse que podem andar nos campos de futebol.

O caso do alargamento

Sobre este assunto, tão debatido e já superlamente resolvido, a resposta foi também pronta:

«Sinto que Coimbra não tenha um representante na prova máxima. E aqui está, se a regulamentação dos diferentes provas fosse feita de harmonia com o querer das Associações, creio bem que essa falta não se verificaria. Depois, há problemas a resolver dentro do Nacional da 2.ª Divisão. Neste tem a Associação de Braga um problema também — a pos-

sibilidade do enquadramento de mais um Clube: o Desportivo de Monção fez vincar já o seu desejo inteiramente legítimo pelo muito que fez pela expansão do futebol. Sei ainda que outras Associações, do Porto e Aveiro, por exemplo, gostariam de ver alargado para mais clubes o Campeonato da 2.ª Divisão, Mas...

E da conversa havida ficou-nos ainda esta impressão sobre a próxima actuação dos clubes representativos da Associação de Braga nos dois campeonatos nacionais:

«Vai ser dura a prova dos Campeonatos do ano desportivo que se avizinha; Porém, todos nós podemos ter confiança nos representantes da Associação de Braga. O F. C. de Famalicao, o Vianense e o S. C. de Fafe podem e hão-de brilhar, pelo esforço dos seus atletas, pelo comando das suas direcções e pelo saber e competência dos seus treinadores. Assim se comportarão também o Vitória de Guimarães e o S. C. de Braga, no Nacional da 1.ª Divisão. Saberão ser adversários, mas leais, oferecendo ao público que os acarinha, tardes de glória, que enfeitarão também a província de ponta a ponta.»

Registamos com o maior prazer as palavras do presidente da A. F. de Braga que, falando tão desassombadamente, nos porporcionou mais uma vez a oportunidade de podermos apreciar até onde chega o seu entusiasmo por tudo o que, em futebol, possa significar progresso e aperfeiçoamento. Outra coisa não seria de esperar, de quem, como o engenheiro Cruz e Silva, tanto e tanto tem feito pela modalidade na sua região.

Adérito Guimarães & Lima

METAIS, BALANÇAS, FOGÕES

Fabricantes

Telegramas ADLI Telefone, 2757

— B R A G A —



Pelo Académico de Braga têm passado bons atletas! Neste friso, que publicamos, de praticantes que honram o clube e a cidade vê-se, ao centro, o «olímpico» Nuno de Moraes, que, saindo das fileiras do simpático clube bracarense é hoje um grande atleta português!

Académico Basquete Clube de Braga

A instituição vive exclusivamente para os «Desportos Pobres» e tem já, como pergaminho, uma vasta obra

Dum modo geral os grandes clubes vão buscar ao futebol o dinheiro com que sustentam as suas equipas de atletismo, ciclismo, basquetebol e andebol. Ora, existe em Braga uma colectividade que, não praticando futebol, tem mantido uma boa equipa de atletismo; que melhores classificações não tem obtido por ser exiguo o número de atletas que apresenta nos torneios, pois não dispõe de recursos para a deslocação dos seus representantes ao Porto ou a Lisboa, onde normalmente se efectuam os mesmos. É lamentável, já o temos afirmado várias vezes, que as autoridades bracarenses não dispensem mais atenção aos rapazes do A. B. C.

Das suas equipas têm saído valerosos atletas, que mais longe não chegaram por terem continuado em Braga, onde a assistência ao atletismo, modalidade já de si pobre, é deficitária. Poderíamos citar nomes, nomes e mais nomes. Para quê? Para reforçar a nossa opinião basta

dizer que do A. B. C. seu o nosso grande atleta Nuno de Moraes que nos Jogos Olímpicos de Londres tão alto elevou o nome de Portugal. Mas seja-nos permitida esta pergunta: Se Nuno de Moraes não tem ido para o Sporting C. de Portugal, onde nada lhe faltou para o aproveitamento das suas excepcionais qualidades, teria feito parte da embaixada olímpica a Londres?

A resposta é fácil. Nuno de Moraes já mais iria a Londres se estivesse no A. B. C.

Este facto, recente e vivo, ainda, na maioria de quantos amam o desporto vem dizer-nos que o A. B. C. carece de mais atenções das entidades oficiais, pois este clube, autêntico «viveiro» de atletas, iria mais longe, muito mais longe, se tivesse o auxílio, a assistência que bem merece como clube que nos últimos anos melhor, e quase unicamente, tem representado Braga no atletismo nacional.

Os problemas do Sporting de Braga

vistos pelo seu presidente

(Continuação da página 4)

pelo menos um tanto ou quanto complexo, tantos e tão variados são os aspectos com que se apresenta. Depois, esta época de férias que muitos gozam, levam-nos a interromper conversações e a alterar planos, dificultando assim a nossa missão. Contudo como a nossa vontade é verdadeiramente forte e contamos absolutamente com a dedicação de muitos a solução que mais interessa ao Sporting não deixará de aparecer e o clube, liberto de dificuldades ocupará o lugar que de direito lhe pertence. Em futebol inscrevemos três categorias que estão já entregues ao novo treinador e onde, ao lado de novos jogadores cingiam outros, mais velhos que para o Spor-

ting têm criado inesquecíveis tardes de glória.

O problema do treinador que resolvemos como conviava de momento, levou nos a contratar José da Mota, que alla a uma grande soma de conhecimentos técnicos que se vão fazendo sentir, uma prática que é deveras agradável ver executar, tornando, certamente o grupo de honra, um conjunto realizador como convém, não só para garantir a sua permanência na Primeira Divisão, mas ainda para proporcionar ao nosso grande público tardes de muito prazer.

Não descuramos a prática dos «Desportos Pobres» pelo que vai ser aberta a inscrição de jogadores da andebol e basquetebol, bem como e dos praticantes de atletismo. Certa-



A «reserva» do Sporting Clube de Braga, que conta bons valores do Jogo

mente em Outubro, depois de pequenas modificações a fazer na sede, será criado um curso de ginástica para sócios e seus filhos.

O presidente bracarense falou sempre, sem que o interrompessemos, com uma consciência absoluta do êxito do seu plano de trabalho.

Os planos de direcção a que presido sob o ponto de vista técnico administrativo e disciplinar estão esboçados e serão postos em prática. A Direcção formada por indivíduos experimentados, que não desconhecem o valor do tempo, dividiu a função administrativa em secções que são confiadas, separadamente, a um director que, trabalhando livremente e de acôrdo com a presidência, resolve todos os problemas que careçam de solução urgente, levando depois o assunto à sessão semanal para ser exarado na respectiva acta. Como vê é um processo simples e eficaz, evitando demoras que, por vezes, são prejudicialíssimas e ficando a presidência do clube, como convem e é preciso que seja. Criamos assim as secções de Secretaria, Tesouraria, Futebol, Atletismo e Andebol, Admi-

Julgamos estar suficientemente esclarecidos acerca dos assuntos internos de clube e por isso quizemos conhecer a opinião do nosso entrevistado nos pormenores de ordem geral, mesmo estranha ao Sporting, relativamente.

— Crê nos tão discutidos progressos do futebol português?

— Não desejo entrar na contenda que é já longa e sem esperança de acabar. Que os técnicos continuem a dissertar, limitando-me a aceitar ou não as razões dum e doutro lado, mas sou de parecer que o futebol de hoje é apenas diferente.

— Não lhe parece que seria útil o alargamento do Nacional para 16 clubes?

— Concorro e julgo que seria muito útil tal alargamento, não só porque a Académica tão galhardamente sempre representou o futebol coimbrão, mas até por simpatia pessoal e gratidão à velha Universidade.

A entrevista já vai longa e para finalizá-la interrogamos, ainda, o dr. Avelino Silva:

— Que pensa da actividade desportiva regional?

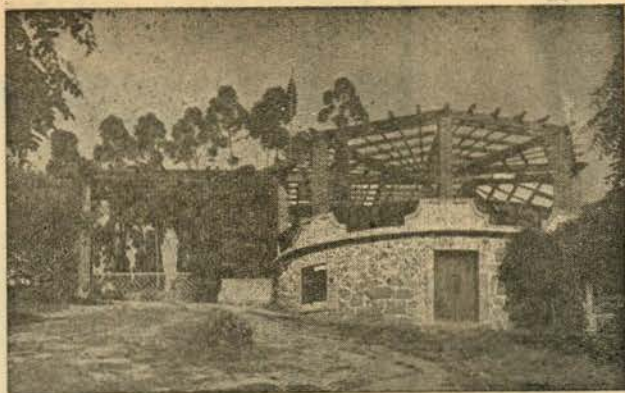
— Que os vários clubes da região, alguns de incontestável valor e apreciável massa associativa, dedicando-se quasi exclusivamente ao futebol cometeram um erro grave a que devem pôr termo logo que possível cuidando doutrinas modalidades que occupam a mocidade preparando-a, inclusivamente, para o futebol. O Sporting de Braga, além desse erro, foi ainda duma ingratidão imperdoável esquecendo o atletismo, modalidade que lhe proporcionou grandes tardes desportivas e a posse de trofeus que bem atestam o valor de alguns dos seus filiados.

Actualmente, julgo que só o Académico Basquete Clube de Braga e a F. N. A. T. promovem provas desportivas de atletismo ou a elas concorrem.

O meu clube empenhado em reorganizar as secções dos Desportos Pobres, iniciou já os seus trabalhos abrindo inscrições para a prática de andebol, atletismo e basquetebol. Porque não há de Braga ter Associações de Andebol e Basquetebol? O resto viria depois, para honra e glória do desporto, de que o Sporting de Braga é fiel servidor.

O depoimento do dr. Avelino Manuel da Silva, através da franqueza que lhe é peculiar, é animador pela clareza das suas afirmações. O Sporting de Braga tem à frente dos seus destinos, realmente, um homem que sabe donde vem e para onde vai. Os seus colaboradores são também dotados de excelentes qualidades de dinamismo e haurismo sendo justo referenciar aqui o que para o clube representam os nomes de António da Cunha, um bracarense sempre pronto a servir a sua terra, o seu ideal: Mario Venancio, Arménio Pires, Paulo Machado, Alvaro Andrade e tantos outros que, desinteressadamente servem a sua terra, servindo o seu clube.

Benigno da Cruz



O Clube de Caçadores de Braga, dotado de instalações modernas e elegantes fica situado a poucos metros do Estádio em construção na «Bracara Augusta». Ao dinamismo e inteligência do seu presidente, sr. dr. Teotónio dos Santos se deve a transformação porque nos últimos anos vem passando a colectividade, que não existe, exclusivamente, para o Tiro aos Pombos. Sabemos que o clube acaba de se fillar na Delegação do Norte da Federação do Tenis, pelo que os tenistas bracarense passarão no futuro a entrar em competições oficiais, verificando-se, conseqüentemente, uma mais larga actividade do admirável desporto. Bem merecem as nossas homenagens, por isso, quantos têm trabalhado no importante Clube que, engrandecendo-o, engrandecem também a sua terra.



Sobral, enérgico defensor do Sporting de Braga, e capitão do seu grupo de honra.

nstração interna (bar, jogos e obras) Ciclismo e mais modalidades desportivas que julgamos conveniente criar. Nomeamos, ainda, comissões técnicas de futebol e atletismo cujos resultados julgamos ser inteiramente satisfatórios. Empenhados no aumento de sócios temos já números animadores e estou certo que a massa associativa do Sporting estará dentro em breve em relação com o valor desportivo da cidade e arredores.

Quanto a disciplina, tem esta de ser absoluta, pois somos daqueles que pensam não poder haver trabalho útil sem ordem completa e disciplina rigorosa. O regulamento dos jogadores foi revisto e agravado em certos pontos, mais como principio do que por necessidade de lhe dar execução, pois não duvido que todos estão dispostos a cumprir como convem.

Adelino Vilela

Representante no País dos
VINHOS CALEM
Conservas Esquimantes Barrocco
Refrigerantes Saneiro
Rua Dr. Justino Cruz, 129
Telephone 2356 BRAGA

A Marisqueira

Pensão e Restaurante

O melhor serviço

Largo do Barão de S. Martinho
e Rua do Castelo

— B R A G A —



O tiro de guerra tem em Braga bons praticantes. Não podíamos deixar de focar, ao apontarmos o exemplo desportivo de Braga, a actividade dos atiradores bracarense que tão alto têm levantado a modalidade. Pela fotografia que publicamos se pode observar a categoria de três atiradores de Braga que têm o peito coberto de medalhas.

Soarense Sport Clube



Simpático agrupamento, várias vezes campeão da Promoção, que fez já parte da 1.ª Divisão do Regional

IMPÉRIO DOS SANTOS VENCEU A PROVA "12 VOLTAS À GAFA"



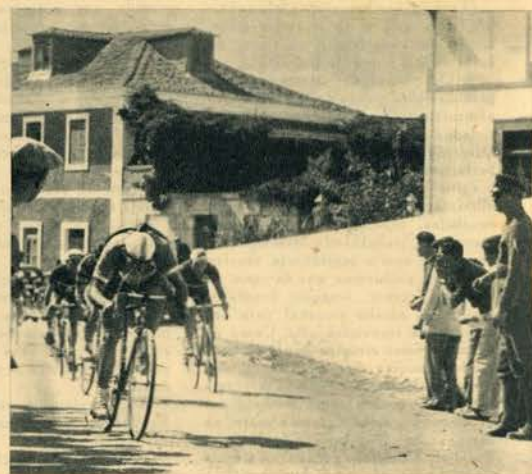
PELA primeira vez em Portugal, um nadador realizou a sua festa de despedida! E não se pode dizer que a série — pois que por certo outras se seguirão! — não fosse bem inaugurada. João da Silva Marques, em tudo e por tudo justifica amplamente a homenagem que sábado passado lhe foi prestada. É que a poucos como a João da S. Marques assentou, tão bem, o título de campeão. Silva Marques foi um campeão autêntico. Também, sem sombra de dúvida, um verdadeiro desportista.

Mas a idade não perdoa. E Silva Marques sentiu que era altura de se retirar. Fez bem. Quanto a nós, despediu-se no melhor momento. Sai, poucos dias depois de ter sido o melhor português, na prova dos 200 metros-bruços, do encontro com a Espanha. Sai, pois, em plena glória, deixando uma agradável recordação.

É bastante curiosa a evolução das marcas obtidas por Silva Marques nos vários anos. Vejamo-las: 1933 — 3 m. 09,8 s.; 1934 — 3 m. 07,4 s.; 1935 — 3 m. 01,8 s.; 1936 — 2 m. 59 s.; 1937 — 2 m. 56,8 s. (actual recorde de Portugal estabelecido na Covilhã); 1938 — 3 m. 01,6 s.; 1939 — 3 m. 03 s.; 1940 — 3 m. 04,6 s.; 1941 — 3 m. 05 s.; 1942 — 3 m. 08,2 s.; 1944 — 3 m. 07,1 s.

Estão aqui bem patentes — na eloquente linguagem dos números — as duas fases distintas da carreira de Silva Marques: a fase ascensional, que vai até 1937 (o ano do seu melhor resultado), e a segunda fase, que vem até 1942, ano do seu último campeonato nacional consecutivo.

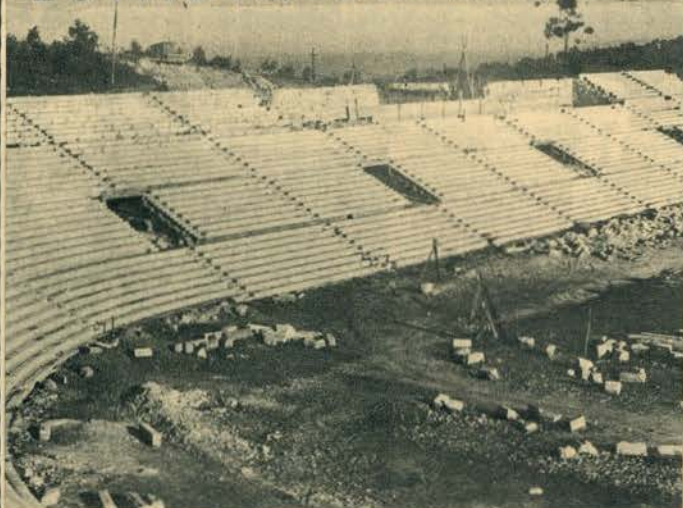
Antigo nadador do C. F. «Os Belenenses», representante da Cuf desde 1839, Silva Marques mereceu bem a homenagem de sábado passado. A noite foi, como se esperava, de consagração e de apoteose. Silva Marques abandona o tablado da natação com 42 anos, mas deixando — passe o lugar comum — uma vaga em aberto.



Publicamos três interessantes aspectos da prova ciclista disputada no domingo passado com inequívoco êxito e denominada «12 Voltas à Gafa». Venceu Império dos Santos e o Benfica, mas chegou a supor-se que fosse Gueguen, do Académico, cuja foto publicamos, o vencedor. Falto-lhe, no entanto, uma volta...



ESTÁDIO DE BRAGA



O Estádio de Braga, a inaugurar em Maio próximo, é uma obra verdadeiramente grandiosa. Braga poderá, legitimamente orgulhar-se deste melhoramento, permitindo grandes manifestações de educação física.

Há, no entanto, um senão, que se traduz numa pergunta: — E a relva? Onde está a relva? Pode lá admitir-se que se construa um Estádio moderno, monumental e imponente, e se descure o elemento que é essencial à prática do jogo? — Aos homens que dirigem, deixamos a solução do caso...



O bracarense Nuno Morais foi homenageado e Braga pelos patinadores seus conterrâneos no festival realizado no crinco da Ponte na noite de 31 de Agosto. Vê-se aqui o atleta com uma pequena patinadora de 3 anos que lhe entregou um vistoso ramo de flores.

O VI encontro Portugal-Espanha

A vitória dos nossos vizinhos por 48-23 — Há que criar condições de trabalho aos nadadores portugueses — As provas e o Jogo nos seus vários aspectos

(Continuação da pág. 7)

A prova clássica de velocidade para 100 metros—bela e emocionante. Guerra, que deixou o «braço» para se dedicar ao «trabalho», está em excelente «forma», tendo percorrido o hectómetro no «brevê» tempo de 1 m. 00 s. De facto, o nadador espanhol correu extremamente confiante, tomando logo à partida o comando da prova e dominando em absoluto a situação. Guilherme Patróni não se inferiorizou perante o peso das responsabilidades. Habitado, desde 1945, a estas andanças internacionais. Patróni começa a criar confiança e personalidade. Assim, o nosso melhor «sprinter» fez uma prova magnífica, inclusivamente no que respeita ao espírito de luta. A marca obtida — 1 m. 02 s. — revela progresso e é a melhor da sua já interessante carreira. Se Patróni tivesse sido mais feliz na última viragem, e principalmente, mais decidido sobre a meta, ter-se-lhe creditado na casa de 1 minuto e 1 segundo, marca que repataríamos, de momento, ao seu alcance.

O espanhol Perez, terceiro classificado, não apoquentou o nosso campeão, e terminou dentro da sua bitola habitual — 1 m. 04 s.

A corrida do jovem Eduino Marta Barbeiro agradou-nos em absoluto. Pode dizer-se, mesmo, que o esperançoso nadador do S. A. D. não acusa os efeitos de uma estreia como «internacional». Latau admiravelmente, chegando, mesmo, a apertar Perez. Quanto a nós, o «tempo» de que foi creditado — 1 m. 06 s. — não está certo. A distância que, sobre a meta, o separava de Perez não pode, de forma al-

guma, corresponder a dois segundos. A marca exacta de Barbeiro deve ter sido aquela que, aliás, em dos cronómetros registou: 1 m. 05,2 s.

Dominguez — um nadador excepcional! Madeira, mais do que uma promessa — uma certeza!

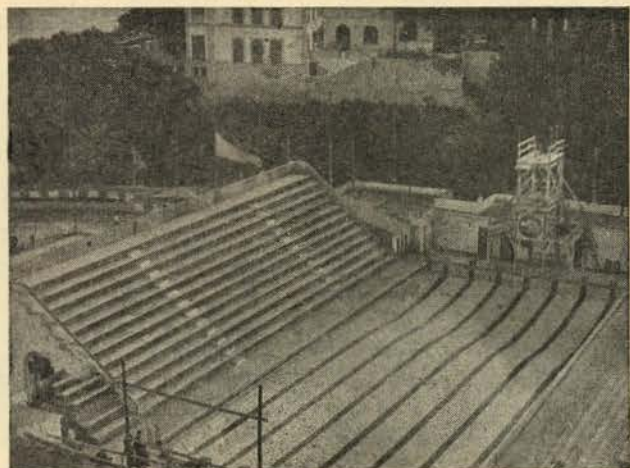
Jesús Dominguez Gonzalez foi, sem dúvida, a figura máxima deste encontro Portugal-Espanha. É um nadador excepcional, de invulgares faculdades físicas, de que ele consegue tirar, mercê de intensa preparação, óptimo rendimento.

A sua prova nos 400 metros-livres foi, de facto, impressionante. Dominguez fez corrida à parte, terminando na elegante marca de 5 m. 05 s. Vejamos, entretanto, os seus «tempos» intermédios: 100 metros — 1 m. 09,4 s.; 200 — 2 m. 27 s.; 300 — 3 m. 42 s. Temos, portanto, 1 m. 15,6 s., para os segundos 100 metros; 1 m. 13 s., para os terceiros, e 1 m. 23 s., para o último hectómetro. A marca final de 5 m. 05 s. fica constituindo novo recorde das Canárias.

Febrero, ainda que sem poder dar luta a Dominguez, fez prova à frente dos portugueses, e brindou o percurso em 5 m. 17,8 s.

Baptista Pereira, dentro das suas características habituais, ainda que longe da sua melhor «forma», Marca obtida: 5 m. 33,8 s.

Fernando Esteves Madeira, um «principlente» a que este encontro proporcionou largo vão, excedeu a mais optimista expectativa. A sua corrida nos 400 metros-livres veio revelar um futuro campeão de meio-longo e longo, a quem não receamos



Um aspecto da piscina do Clube de Natación de Palma, onde se desenrolaram as provas do VI encontro Portugal-Espanha em natación e «water-polo»

vaticinar largo futuro. Madeira cobria o percurso em 5 m. 39,1 s., com os seguintes «tempos» intermédios: 100 metros — 1 m. 15,8 s.; 200 — 2 m. 42 s.; 300 — 4 m. 11,9 s.

Os 1.500 metros-livres, ou a prova dos recordes

Dominguez, que se caracteriza, fundamentalmente, por um magnífico e rendoso trabalho de braços, voltou a estar em plano de grande evidência na dura prova de 1.500 metros-livres, em que, apenas, se lhe pode apresentar um senão: o facto de, por

vezes, ter zigzagueado, não traçando, portanto, ao longo da pista, uma reta perfeita.

Os espanhóis fizeram prova à parte. Dominguez (21 m. 03,2 s.) bateu o recorde das Canárias. Febrero (21 m. 05,5 s.) melhorou o recorde da Galiza. Acentue-se no entanto, que Febrero fez uma bela prova, terminando, inclusivamente, com um óptimo «sprint». São, em resumo, dois óptimos especialistas, qualquer deles de largo futuro. Anotemos os «tempos» intermédios de Dominguez, a melhor síntese que podemos fazer da prova: 100 metros — 1 m. 15 s.; 200 — 2 m. 37 s.; 300 — 4 m. 12,1 s.; 400 — 5 m. 27,5 s.; 500 — 6 m. 52,9 s.; 600 — 8 m. 17 s.;

Fábrica de Balanças
DE
António Bernardino Ferreira
“ERVILHA”

Todo o fabrico de balanças desde as de precisão às de maior tonelagem

Ferreiros

BRAGA

Almeida, Martins & C.^a
Fábrica Social Bracarense

Chapéus de feltro de pêlo e lã para homem

Chapelines e cloches para chapéus de senhora

Medalha de Ouro (Paris 1931)

Grande Prémio de Honra (Lisboa 1933)

700—9 m. 43 s.; 800—11 m. 09.2 s.; 900—12 m. 33.9 s.; 1.000—13 m. 59 s.; 1.100—15 m. 27 s.; 1.200—16 m. 54.5 s.; 1.300—18 m. 21.5 s.; 1.400—19 m. 47.2 s.

Baptista Pereira não pôde, claro, dar luta, e, mesmo que estivesse no melhor da sua «forma», não o poderia fazer. Correia com energia e, na passagem aos 1.000 metros, deixou novo recorde de Portugal, com o tempo de 14 m. 34.5 s. O seu resultado final de 22 m. 08 s. reflete, também, o esforço feito nos 1.000 metros iniciais.

O fanchalense José da Silva, acusando muita falta de preparação, creditou-se de marca inferior: 23 m. 46.1 s., que não condiz nem com os seus resultados anteriores (normalmente na casa dos 22 minutos), nem com os elementos fornecidos já esta época pela Associação de Natação do Funchal.

Onde a falta de Mário Simas mais se fez sentir

Foi na prova de 100 metros-costas que a ausência de Mário Simas mais se fez sentir. Primeiro, porque Mário Simas—tal como pessoalmente lhe afirmamos dias antes da partida—mesmo sem preparação especial, teria ganho a corrida folgadoamente. Depois, porque Franco do Vale, ainda pouco afeito a provas de grande responsabilidade, se corresse juntamente com Simas, portanto, sem a preocupação do primeiro posto, teria nadado noutro estado de espírito completamente diferente, e teria batido Abad, pois que Vale está a fazer, normalmente, 1 m. 13 s. Portugal teria conquistado nesta prova, não temos a menor dúvida, os dois primeiros postos.

Franco do Vale correu psicologicamente inferiorizado, creditando-se de um tempo absolutamente anormal—1 m. 17 s. Nestas condições, a vitória sorria, relativamente fácil, a Abad, com 1 m. 14.4 s.

Manolo Martinez, presentemente algo destreinado, não foi além de 1 m. 17.5 s. E Artur Mendes Silva, incompreensivelmente abaixo das suas reais possibilidades, com 1 m. 20.6 s.

Quando o «mariposa» surge em toda a sua beleza...

Antes de soar o apito para a prova de 200 metros-braços, poucos acreditariam na vitória de Blanco, o sevilhano que nos campeonatos nacionais de Espanha obtivera 3 m. 10.2 s.

E afinal, a sua vitória surgiu nítida, brilhante, pelo tempo obtido—2 m. 57.9 s.—mas, sobretudo, pelo «estilo» empregado: o «mariposa». Blanco, de acordo com as novas disposições internacionais, fez todo o percurso em «mariposa», dando uma agradável sensação de facilidade. Ganhou com nitidez e justiça. Mas ganhou, sobretudo, com beleza.

O espanhol Abella, empregando o «braços» clássico, dentro do que seria lógico esperar-se: 3 m. 06 s.

João da Silva Marques, muito bem na primeira parte da prova, e fraquejando depois, como é natural. Foi, no entanto, o me-

lhor português. E pode orgulhar-se, legitimamente, do comportamento que teve no último encontro internacional que foi chamado a disputar, ao cabo de vinte e dois anos consecutivos de competições. A sua marca é, ainda, interessante: 3 m. 15 s.

Para o comportamento de Artur Mendes Silva (3 m. 15 s.), não encontramos explicação.

Excelente média da equipa espanhola na estafeta de 4 x 200 metros-livres

A vitória espanhola na estafeta olímpica de 4 x 200 metros-livres surge-nos como coisa esperada e naturalíssima. Foram os seguintes os «tempos» parciais: Dominguez (2 m. 20.4 s.), Perez (2 m. 25 s.), Febrero (2 m. 29 s.) e Guerra (2 m. 20.4 s.). Resultado final: 9 m. 34.8 s.

Verifica-se, pois, entre os nossos vizinhos, a média excelente de 2 m. 23.1 s. para cada percurso, o que só vem demonstrar, mais uma vez, o desenvolvimento em profundidade que a natação espanhola attingiu, mormente nos últimos quatro anos.

A equipa portuguesa um pouco abaixo do seu melhor. Também aqui, a falta de Mário Simas se fez sentir extraordinariamente. É que batida sem remissão, a equipa lusitana não deu, como é natural, o seu máximo rendimento. A ordem por que correram foi a seguinte: Luis Lopes da Conceição (2 m. 33.1 s.), Guilherme Patroni (2 m. 34.9 s.), Ednardo Marta Barbeiro (2 m. 41 s.) e Luis Soares de Oliveira (2 m. 34.5 s.). Resultado final: 10 m. 25.5 s.

Acentua-se, entretanto, que pertenceu a Soares de Oliveira o melhor resultado individual.

As estafetas de 7 x 33 metros-livres

Extra-programa. Isto é, sem contar para a pontuação, correu-se a estafeta de 7 x 33 metros-livres que foi, na primeira jornada, a prova que mais entusiasmo provocou no público. A corrida foi, de facto, emocionante, tendo mesmo chegado a travar-se luta entre os dois conjuntos.

A Espanha alinhou: Guerra, Dominguez, Perez, Febrero, Abad, Piernaveja e Castillo, 2 m. 05.9 s.



CASA TENAZ

DE

António de Sousa Ribeiro

Telef. 2242

B R A G A

Ferragens — Balaças. Metais—Pregagens, etc.

Tudo para Ciclismo

Bicicletas "Spitfire" Pucos "Dunlop"

Centro Ciclista do Minho

Alberto Carvalho Araújo & C.ª

B R A G A

Portugal apresenta: Madeira, Soares de Oliveira, Artur Mendes Silva, Eduardo Barbeiro, Lopes da Conceição, Patroni e Carrelhas, 2 m. 07.9 s.

Na segunda jornada, a vitória pertenceu ao conjunto português, dado que a equipa espanhola, em virtude de uma falsa partida de Sabata, foi desclassificada. O elenco português apresentou algumas alterações, alinhando: Patroni, Vale, Barbeiro, Carrelhas, Conceição, Madeira e Baptista Pereira, 2 m. 09.1 s.

Correa, também, uma equipa local, aliás valiosa, que cobriu o percurso em 2 m. 11 s., composta por Mesquita, Rossillo, Valdivia, Saneho, Carreras, Seguí e Estrada.

Ao cabo das duas jornadas, a pontuação era de 48-23, a favor da Espanha.

O «water-polo» espanhol progrediu muitíssimo

Entregues aos cuidados de um competente treinador húngaro, os jogadores espanhóis acusam, em relação à época passada, sensíveis progressos. A passagem pelos Jogos Olímpicos produziu, como era natural, os seus efeitos benéficos. Assim, fomos encontrar em Palma de Maiorca uma equipa completamente diferente daquela que o ano passado, em Argés, não logrou mais do que uma vitória por 5-4.

Verdadeiros malabaristas, com admirável sentido de desmarcação, os castelhanos exibiram técnica excelente, a par de magnífica concepção táctica. Muito jogados, e, além disso, rápidos como nadadores, os espanhóis não tiveram dificuldade em impor a sua classe.

Não constitui, porém, exagero afirmar que a turma portuguesa cumpria, demonstrando — a par de muita correcção — largas possibilidades. Falta-lhe preparação, inconveniente que só uma piscina de Inverno que permita treino regular durante todo o ano, pode remediar.

O árbitro francês Alfredo Denis dirigiu criteriosamente o encontro, para o qual alinharam: Portugal: Máximo Simões do Coato; Oscar Cabral e Fernando Suedara; Guilherme Patroni; Nabais da Cruz, José Manuel Correia e Denis Mendonça.

Espanha: Serra; Rovira e Martí; Castillo; Sabata, Barcet e Mestres.

Um encontro em que um dos grupos vence por 13-2, com 6-1 no intervalo, tem a sua história feita. Acentua-se, no entanto, que os nossos vizinhos não torçaram o andamento nem usaram processos à margem das leis. Não. Ganharam naturalmente. Depois, quando se possui classe, parece que tudo sai perfeito e feliz...

Barcet foi o melhor marcador, com 7 tentos. Castillo marcou 4, e Mestres, 2. José Manuel Correia marcou os dois tentos dos portugueses.

Oxalá os novos tenham compreendido e aproveitado a lição. E que o «water-polo» entre numa fase de ressurgimento, aproveitando-se todas as boas qualidades que os portugueses possuem para a modalidade.

Abreu Torres

A. Gomes Pinto

Indústria manual de tecidos de algodão

Celeiroz

BRAGA

José Ferreira

COLAS — GRUDES

Adarife

BRAGA

Louças, Vidros, Cristais

Aos melhores preços só na

CASA DAS LOUÇAS

Rua Francisco Sanches, 19

Telefone 2776

BRAGA

Café Astória

Quereis bom café?

Frequental o Astória

Arcada

Telefone 2783

BRAGA

Instituto Galénico Português

Farmácias, Drogaria e Perfumaria
O mais completo e variado sortido de todos os artigos do seu comércio
Nas secções de Drogaria e Perfumaria preços baratíssimos

Depósito geral dos Sabonetes "ROSAS DE PORTUGAL"

Básculas (Cachapuz)

De grande tonalidade para vagões e camions

José Duarte Rodrigo

Rua dos Chãos, 92

Telefone 2468

BRAGA

Silvestre Pires

Casa especializada em casimiros e gabardines

Largo do Barão de S. Martinho

Telefone 2443

BRAGA

José Narciso Oliveira & F.ª

Tecidos — Melhas — Rouparios

Rua Nova de Sousa, 64-66

Largo S. João Souto, 26-27

— B R A G A —

TWIN STAR
do americano
L. M. Pirie,
campeão
do Mun-
do de
1948



POLUCE
do italiano Strau-
lino, 2.º clas-
sificado



HILLARIUS
do ame-
ricano
Smart,
3.º clas-
sifi-
cado



CAMPEONATO
DO MUNDO
DE "STARS"
EM CASCAIS

FANEC A
dos irmãos
Fernando e
Duarte
Belo,
um 5.º
lugar
bri-
lhan-
te



De 31 de Agosto a 5 de Setembro disputaram-se na baía de Cascais as cinco regatas do Campeonato do Mundo de Stars de 1948. Participantes: os campeões das frotas de cada país, isto é, os melhores velejadores do Mundo.

Ao cabo de uma luta muito árdua e renhida, ganhou um concorrente americano seguido de um italiano, dois extraordinários velejadores. Mas é fora de dúvida que os representantes de Portugal lutaram com brio, afirmando uma classe que os coloca entre os melhores da especialidade em todo o Mundo. Fernando e Duarte Belo, tocados pela desgraça numa das provas, acabaram por ganhar a última regata, numa revelação do mais belo espírito desportivo. Ernesto Mendonça e Joaquim Fiuza, este prejudicado pelo seu temperamento nervoso, também se comportaram galhardamente. Portugal é um país de homens do mar!

ESPARTARTE
de Joaquim
Fiuza, 8.º
classifi-
cado



MARGABEL
de Ernesto
Mendonça
11.º clas-
sificado



EM PLENA REGATA, NA BAÍA DE CASCAIS



na capital do NORTE

MOSAICOS nortenhos...

JOGADORES EM FÉRIAS...

No fim da época aparecem sempre uns novos elementos nos clubes. Prometem ficar, dizem que sim a tudo, assinam pedidos de transferência, mentindo, afinal, pois arranjam razões discutíveis para convencer as entidades oficiais...

Recebem uns dinheiros, claro, beneficiam de instalações boas, no hotel, — gozam umas férias e, na altura própria, escrevem a D. G. D. a dizer que já não querem ficar, e batem a asa...

Ainda há dias sucedeu assim com determinado elemento. Não condenamos o regresso do jogador ao seu lar. Se isso é melhor para ele; se deve continuar, em consciência, no clube a que pertence — nada mais aceitável. Mas os jogadores de futebol que pensam nesta coisa «simples»: — a sua dignidade.

Quem poderá acreditar amanhã nos elementos que aparecem, muito bem intencionados — mas desaparecem e deixam de si recordações desagradáveis?

E A PROPÓSITO DISSO...

As entidades dirigentes podem travar as deslealdades (para com o clube escolhido e para com o que se pretende abandonar). Muito facilmente. Jogador que pedir a anulação do seu requerimento sem motivo justificável, deverá considerar-se responsável de uma atitude pouco séria, logo aplique-se-lhe um castigo.

Temos a certeza de que, procedendo-se assim, se evitam muitos pedidos de transferência feitos de ânimo leve e só com o propósito de brincar às férias... no defeso.

Isto é para todos. Os jogadores de futebol devem formar uma classe honesta, em que possam confiar clubes, público e dirigentes. Os que não queiram — devem ser punidos exemplarmente, evitando-se a sua mistura com aqueles que, defendendo embora os seus interesses, o sabem fazer sem pôr nodos no seu nome e na organização.

UM PORTO-VIGO

POR PASSEIO

Há uma semana, pouco mais ou menos, foi a Vigo uma equipa portuense de atletismo enfrentar uma outra da linda cidade galega. Estaria muito bem se fossem acautelados todos os interesses desportivos, se fôsse

A nova época

ESTAMOS a poucos dias da abertura oficial da época. Futebol Clube do Porto e Boavista Futebol Clube, os dois valorosos grupos da 1.ª Divisão Nacional, e todos os outros pertencentes às 2.ª e 3.ª Divisões, preparam-se com a melhor dedicação para a campanha próxima.

Não se triunfa com o sorriso nos lábios, e a luta é cada vez mais difícil. Todavia, os desportistas portuenses confiam no futuro comportamento dos seus melhores grupos, de mais a mais sabendo-se que não saíram das suas fileiras as melhores unidades. As equipas portuenses, de um modo geral, não receberam "golpes" rudes.

Ora, aguardando que o Porto saiba comportar-se briosamente nas provas que se aproximam, façamos também os melhores votos pela boa ordem e pela boa disciplina dos seus representantes.

Há ainda um clube de primeiro plano — o Boavista — que não pode jogar no seu campo, no fim da época sujeito a interdição. Justa ou injusta, não interessa para o caso. O que interessa a clubes, jogadores e ao próprio público é evitar "sucessos" de tal natureza.

Vai principiar a nova época — eis o caso. Pois façamos o possível por evitar atritos de qualquer natureza, contribuindo antes para a serena e firme expansão do desporto.

oportuna a deslocação, se o atletismo portuense estivesse em condições de bater-se, mesmo contra um grupo de modestas possibilidades — como o de Vigo.

Nada disso podia acontecer actualmente. A selecção do Porto (?) foi para Vigo sem alguns bons elementos, perdeu sem apelo nem agravo, deixou com certeza a impressão de ser inferior, — mas deu um passeto...

Achamos que deve cuidar-se um pouco destas «ninharias». O atletismo portuense precisa, primeiro, de conceituar-se. E como? Ganhando o prestígio que lhe falta, para se desloca depois sem temer fracassos.

OS NOSSOS CAMPOS

DE FUTEBOL

Já se sabe: — o F. C. do Porto apresentará o Campo da Constituição; o Boavista, evidentemente, o campo do Bessa...

O primeiro recebeu largos benefícios, o ano passado, mas é insuficiente para os grandes jogos; o segundo apresentar-se-à este ano renovado.

Seja como for, nem o F. C. do Porto nem o Boavista apresentam campos à altura da situação e das suas responsabilidades. O público vai ficar mal instalado, e muitos adeptos do futebol tem de limitar-se a ouvir as palavras, cá de fora, ou o relato por intermédio das estações emissoras.

Cada vez se torna mais urgente a solução do grave problema dos campos de jogo. Porto e Boavista, os mais expostos, dada a sua categoria, bem precisam de ser ajudados nesta sua empresa. Do contrário, o público da segunda cidade do país continuará a dispor simplesmente da Constituição e do Bessa...

Curiosidades...

Se a transferência do brasileiro Silva se efectua (estava bem encaminhada) ficará sendo a mais cara de sempre — até o momento presente.

♦ A linha avançada do F. C. do Porto, em princípio, deverá ter a seguinte composição: Lourenço ou Sanfins, Areôj, Silva, Gastão e Vieira ou Catolino.

♦ Os dois irmãos Ferrelhos, como já dissemos há muitas semanas, foram cedidos pelo F. C. do Porto ao Académico de Viseu. Vivem já na capital do Beira Alta. Em troca, o Campeão do Norte recebe Francisco, seu antigo «reserva», que fez bela figura contra o Arsenal de Londres.

♦ Alguns clubes portuenses ficaram embaraçados com a expressão dos campeonatos regionais, de onde recebiam algumas receitas. Só o F. C. do Porto beneficiou com a medida, pois pôde fazer organizações, lá mais para diante.

♦ Deve ter-se consideração pelo esforço do Vilanovense Futebol Clube. Os seus dirigentes sacrificam-se, mas o clube prospera.

♦ Estabelece-se certa polémica, inspirada pelo jornalismo desportivo, à volta do encontro de hóquei em patins entre o Infante de Sagres e o Académico. O simpático grapo do Lordelo do Ouro ganhou nos «blancos», no seu próprio «rink», mas a vitória, pelo menos esta, causou certo clame.

O esforço do F. C. P.

Não sabemos o que se terá passado, nesta altura, quanto à aquisição do brasileiro Silva, «preso» ao F. C. de Barcelona. Também não conhecemos o seu valor, embora notícias de boa origem o indiquem como elemento de excelente categoria. Deve pôr-se de reserva o facto, porém, visto Silva não ficar ao serviço do primeiro clube da Catalunha, onde os bons jogadores não abundam — como em toda a Espanha, agora disposta a comprar estrangeiros por somas importantes.

Mas seja como for, oxalá o F. C. P. tenha sorte com esta transferência. Dizem-nos que fica muito cara, e decerto será assim. De tudo isto se infere que o principal clube do Norte procura a todo o transe compôr a sua equipa, e fim de servir o público que o acompanha dedicadamente.

A inclusão de jogadores de classe, mais caros, não deve ser mal recebida por ninguém, e muito menos pelos actuais componentes do grupo azul-branco. Eles melhorarão mesmo com isto, já pelo que podem aprender, já pelo número de vitórias que por certo os beneficiará em lucro financeiro.

Deste modo, é de aplaudir o esforço dos dirigentes «portuenses». Que sejam acompanhados pelos seus sócios, pelos seus jogadores, pelos adeptos que pretendem assistir a futebol de excelente categoria.

A nova época vel começar. Há qualquer coisa de novo no futebol portuense, graças a uma dedicação que não custe pôr em relevo. Antes assim.

Moveis Decorações

Soares Barbosa

& Irmão

Limitada

Tele (fone, 2240
gramas: MÓVEIS

Largo da Estação

BRAGA

Serafim da Silva Jerónimo

A Fundação de Sinos de Braga

Fábrica de Carrilhões
e Sinos Avulsos

72-74, Rua Andrade Corvo, 76-78

BRAGA Portugal

Stadium

a vida desportiva
POR ESSE MUNDO FORA

NOTA DA SEMANA

O ministro da Educação Nacional do Governo Francés, considerando relevantes e extraordinários os serviços que Jacques Goddet, director do diário parisiense L'Equipe, presta ao seu país, na qualidade de jornalista desportivo, há vinte e cinco anos, elevou-o ao grau de Cavaleiro da Legião de Honra.

Aqui está uma distinção pública que, embora não diga respeito a portugueses, merece alguma meditação e justifica meia dúzia de linhas de comentário.

Primeiramente, permita-se-nos a alegria, por sabermos reconhecidos como meritosos os serviços que a pena e o cérebro, associados em permanente defesa da ética e do ideal desportivos, rendem para utilidade da res publica. É tão raro, tão bizarro e de tal modo imprevisível o reconhecimento dos poderes públicos por tudo quanto procede fóra das esferas oficiais que um gesto de gratidão de tanta magnitude, choça a sensibilidade mais embolada.

Os jornalistas que, sucessivamente, ano após ano, batalham pela dignidade e expansão da causa desportiva, têm operado contra inúmeras dificuldades, a menor das quais não são a indiferença dos governantes, a falta de estímulo e de consideração geral.

Bem haja, pois, o ministro que sublinhou a qualidade dos serviços de Jacques Goddet.

Em segundo lugar, seja-nos perdoado o gesto de trazer, como assunto de relevo da semana, este pequeno episódio, cuja repercussão não irá além das fronteiras francesas. Mas a oportunidade era boa demais para perder-se.

O público que nos lê, seja escasso ou abundante, pouco avalia da natureza do apostolado e dos benefícios que a nossa missão têm trazido à causa dos desportos. Sem nós, jornalistas postados na primeira linha, onde estaria hoje o desenvolvimento do futebol, do atletismo, do basquetebol, etc., e, acima de qualquer modalidade, a chama viva do entusiasmo popular?

Oitoados de ludo e lodos, nem por isso o nosso esforço diminuiu ou se torna estéril. Assim mesmo o reconhece um ministro da Educação Nacional de uma grande nacionalidade.

Em boa hora, felizmente!

Continua na ordem do dia o problema do amadorismo integral e, consequentemente, o do mesmo amadorismo mas parcial. É assim como um pão-mistura, onde a farinha de trigo se juntasse a certa porção de farelo, e outros ingredientes indigestos.

Segundo a less olímpica só é considerado verdadeiro amador quem não recebe nenhuns benefícios pela prática de desporto e aguento, do seu bolso, todas as despesas necessárias. Nestas condições, fácil se torna a compreensão de que o amadorismo está reservado aos ricos e remediados.

Ora, sabe-se bem que estas modalidades possuem organizações consideráveis, com calendários de provas, deveres disciplinares, deslocções, etc., cujo rigor matemático não se pode infringir sem risco de penas rigorosas. O amador puro, jamais sacrificará as horas de trabalho do "pão nosso" — perdendo salários — para buscar no desporto... despesas que diffilmente pode suportar.

Resumidamente: a complexidade e o desenvolvimento actuals de alguns desportos, exigindo do amador pobre comparência em treinos, campeonatos e vlegialuras extra-fronteiras é incompatível com a míngua de recursos pecuniários!

Entende-se, pois, alargar o conceito da palavra "amador", estabelecendo, entre outras vantagens a compensação por salários perdidos.

Algumas Federações Internacionais, como por exemplo a de Basquetebol, deram um exemplo de tolerância, no sentido de actualisar as exigências da vida moderna com as bolsas de cada qual. Outras, e principalmente as do Atletismo e do Futebol, conservam-se agarradas à pureza da definição olímpica, intransigente e fanática.

Em desporto, como sob o ponto de vista religioso ou patriótico não pode haver sentimentos impuros, isto é, devem ser integrais. Amador, no nosso sentido, só o será quem possa, por ter meios ou capacidade de sacrifício. Os outros, que recebem remuneração, porque não considerá-los profissionais, se esta qualidade não tira nem põe virtudes, antes pelo contrário, como o vulgo diz, para quebrar discussões despidas de interesse?

Rafael Barradas

ATLETISMO

Os negros americanos distinguem-se na Escandinávia

Durante uma reunião atlética celebrada em Copenhague (Dinamarca), na qual participaram vários atletas negros norte-americanos, Bolten correu 400 metros em 47 8 s.; Dillard os 110 metros barreiras em 13,9 s. e Gordien alçou o disco à distância formável de 54^m.57.

Em Borås (Suécia), os corredores jamaquinos Mc Kenley, Wint e o panameniano La Beach triunfaram em toda a linha. Principais resultados: o primeiro, venceu os 400 m. em 46,9 s.; o segundo, derrotou todos os competidores em 800 m.; que percorreu em 1 m. 52,2 s. e o último fez 100 metros em 10 4. Só o sueco Johansson pôde acompanhar-lhes, ganhando a légua em 14 m. e 46 s.

O estoniano Lipp

Os atletas nórdicos aplicam-se melódicamente na prática do atletismo. Como exemplo, vamos mencionar o lançador Lipp, que no arremeteo do peso, elcenço 52^m.18 no disco, eguelando-se a Consolini e a Tosi, os dois rivais italianos.

TENIS

Frankie Parker, jogando como talvez nunca o tivesse feito, derrotou o australiano Bill Sidwell no primeiro jogo de "singulares" para o final da Taça Davis, em Forest Hills, por 6/4, 6/4, 6/4.

No segundo desfecho o americano Ted Schroeder venceu Adriano Quist por 6/3, 4/6, 6/0 e 6/0.

Nesta data os E. U. A. vão à frente com 2 vitórias e zero.

FUTEBOL

Em Inglaterra

No fim da 5.^a jornada, que se realizou no sábado findo, a posição dos principais clubes Ingleses (1.^a divisão) que disputam o Campeonato da Liga é a seguinte:

Postsmouth (9 pontos); Derby County e Charlton (8 pts); Birmingham (7 pts); Manchester United, Liverpool e Newcastle (6 pts); Wolves, Preston North End, Manchester City, Blackpool e Bolton (5 pts).

Na cauda seguem o Huddersfield (2 pts) e o Everton (1 ponto).

O Arsenal empatou fóra de casa com Sheffield United, a uma bola, e apenas tem 4 pontos. A melhor surpresa da jornada foi a derrota do Darlington do 3.^a Divisão (Norte) em casa, pelo New Brighton que na época passada estava no extremo inferior de classificação.

Manuel da Cunha
Constructor Civil

Praça Alexandre Herculano, 30
BRAGA

Grande Hotel De Braga

O preferido por todos os desportistas que visitam a linda capital do MINHO

Magníficos "appartements" com telefone privativo

Avenida Central, 29
Telefone P. P. G. 2327

Concessionário

Manuel Ribeiro Gomes

Casa das Crianças

Enxovais para baptizados, camisas para homem, todas as novidades, etc.

MÁRIO QUEIROZ

Rua dos Capelistas — Telef. 2369
BRAGA

Fábrica de Balanças «PAULO»

DE

José Paulo da Cruz

Celeiros — — — — — BRAGA

Confeitaria BENAMOR

Pastéis, Fritadouras, etc.

Largo do Barão de S. Martinho

BRAGA

Fábrica de Calçado Sapataria Lopes, Lda.

Um nome é Uma marca
Uma garantia

R. dos Capelistas, 87-93 — BRAGA

O BELENENSES EM ALMADA

1—A equipa de honra do Almada Atlético Clube que perdeu com o Belenenses, honrosamente por 2-0; 2—Em frente das balizas do Almada luta-se arduosamente; 3—Vicente do Ó em luta com um adversário almadense



2

ATLETISMO NO PORTO



O grupo dos concorrentes às provas de atletismo organizadas pelo Futebol Clube do Porto, para selecção de valores

PORTO, 3—FAMALICÃO, 0



Os rapazes de Famalicão atacaram, uma vez por outras dando trabalho a Barrigana



4

1—O team da Académica que fez a sua estreia, nesta época, perdendo em frente do União; 2—O grupo, vencedor, União de Coimbra; 3—Melo, extremo-direito, em jogo



2

EM COIMBRA



3